

JAN/FEV/1989 - Nº 1

Ministério

Adventista

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



Enxertando no Ramo Natural

ARTIGOS

4 TRABALHO FORA DE CASA
Arlo Fleming

7 WALTER SCHUBERT: A CHAMA QUE ARDIA
Pr. Salim Japas

12 ÊXODO E LIBERTAÇÃO
Dr. Atílio Dupertuis

16 CARACTERÍSTICAS MAIS IMPORTANTES DE UM PASTOR
Pr. Moisés S. Nigri

19 MINISTÉRIO HOSPITALAR EFICAZ
E. Herold Roy

22 ENXERTANDO NO RAMO NATURAL
Clifford Goldstein

25 FUMO: A AMEAÇA QUE SE ESPALHA
Dr. Richard H. Hart

28 A ESPOSA DO PASTOR DEPRIMIDO
Virginia Carman

31 COMO VOCÊ LÊ?
Emily Moore

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Paulo S. Gusmão; **Diagramadora:** Vilma B. Piergentile; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho;

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

“Minha Casa”

Aparecem claros nas Escrituras dois conceitos que se complementam: A salvação individual do crente (Rom. 10:13) e, ao mesmo tempo, o interesse de Deus pelo núcleo familiar. Aquele que criou o indivíduo, deu também origem à família, e deseja que esta participe da salvação (Atos 16:31), do culto (Deut. 6:6-9) e da felicidade (Josué 24:15).

Verdade é que, em muitos casos, o Evangelho divide, como resultado da não aceitação da mensagem por alguns dos membros do núcleo familiar (S. Mat. 10:35). Ao chegarem, porém, os profetizados dias da chuva serôdia, haverá um lindo processo de conversão que envolverá muitas famílias; pois “(o Senhor) converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais (Mal. 4:6). Satanás sabe disso, e de quão poderosa se torna a influência de uma família nas mãos de Deus. Talvez por isso, tenha redobrado seus esforços para destruir o altar da família em muitos lares, entre os quais os de nossos obreiros. Cada dia, porém, é uma nova oportunidade que os sensatos aproveitam. Vamos reconstruir aquilo que jamais deveria ter sido destruído, e começar de novo com Jesus.

Temos, no Novo Testamento, casos inspiradores de irmãos que fizeram de sua casa uma igreja (Col. 4:15). Para alguns, não será difícil a reconstrução; ajudará, contudo, o estabelecimento de metas santificadas pelas quais lutar. Como exemplo, façamos uma lista de membros da família e de amigos pelos quais desejamos orar e trabalhar para encaminhá-los a Cristo. Podemos estabelecer um plano missionário e levá-lo a cabo como família, a exemplo do Plano Pioneiro, a fim de fundar uma nova congregação. Ou nos unirmos ao objetivo dos irmãos Adventistas da América do Sul, para 1989: realizar um Seminário Revelações do Apocalipse por família. Por certo, com espírito de oração, o Senhor o ajudará a encontrar diversas opções; seja qual for, porém, o plano, será bom iniciá-lo bem no começo do ano, a fim de contar com o tempo necessário para ver a boa semente germinar, crescer e frutificar.

Que a graça de Deus acompanhe o prezado irmão, seu lar e também o meu.

Daniel Belvedere

O MINISTÉRIO/JAN./FEV./1989 3

Trabalho Fora de Casa

Quando a esposa do pastor permanece em casa — ideal não alcançável por todas — a dupla pastoral, seus filhos e seu ministério podem ser beneficiados.

Sou membro de uma espécie ameaçada. Se as coisas continuarem como vão, corremos o risco de tornarmos tão extintos como o dodó — uma espécie extinta de pombos; em muitos círculos não temos o mesmo *status*. Sou uma esposa de ministro que, por escolha própria, não trabalha fora de casa.

Deixei meu último trabalho nove anos atrás, quando nasceu o mais velho de nossos dois filhos. Meu marido, André, não era pastor nessa ocasião, e seu salário líquido, oriundo do pequeno comércio de aves, era menor do que o que ele ganha no ministério. Não pensávamos naquela época — e ainda não pensamos — na possibilidade de eu trabalhar enquanto houvesse uma criança em casa.

Referindo-se à frase “boas donas-de-casa” em Tito 2:5, o *Comentário Bíblico Adventista* diz: “A evidência textual favorece a leitura ‘obreiras do lar’. As mães que passam grande parte do tempo fora de casa, muitas vezes negligenciam as responsabilidades da família.... Colocá-las (as crianças) sob a orientação de uma empregada, não cumpre a instrução divina aqui ministrada.”¹ Sem dúvida, os exegetas mais progressistas me dirão que a interpretação acima é “chapéu” tão velho como as mulheres cobrirem a cabeça na igreja.

É curioso que Cristóvão Lasch, um escritor secular de nosso tempo, chegou a conclusões semelhantes às do *Comentário Bíblico* por mim citadas. Não, James Dobson, Lasch em geral é defensor da causa feminista. Não obstante, ele escreve no prefácio de seu livro *Haven in a Heartless World*: “O problema com o programa feminino não é que a suficiência própria econômica para as mulheres seja um objetivo indigno, mas que sua realização, nas condições econômicas existentes, solapariam valores igualmente importantes associados com a fa-

mília... As feministas não têm respondido ao argumento de que o cuidado do dia não proporciona nenhum substituto para a família. Elas não têm respondido ao argumento de que a indiferença para com as necessidades da juventude se tornou uma das características distintas da sociedade que vive para o presente, define o consumo de comodidades como a mais elevada forma de satisfação pessoal e explora os recursos existentes com desconsideração criminosa para com o futuro.”²

Ainda defendo a crença vestigial de que para educar meus filhos no caminho que eles devem seguir, devo dispensar-lhes uma grande parcela de tempo precioso. Muitos dos peritos de hoje, contudo, têm emitido conceitos diferentes das necessidades das crianças. Eles me dizem que a escolaridade precoce e as experiências em creches não só não são prejudiciais, mas são benéficas às crianças de pouca idade. Estudos “científicos” recentes afirmam que os filhos de mães que trabalham fora do lar se realizam melhor social e academicamente. “O instinto protetor natural da mãe é agora chamado de ‘amor de fumaça’”, diz a escritora cristã Mary Pride (outrora uma feminista ardorosa). “Expressões como ‘amor de fumaça’, fascínio por ‘independência’ financeira e trazer as crianças presas, resumem-se todas nisto: os pais não deveriam controlar o ambiente de seus filhos. É seu dever entregarem os filhos a outros.... Presume-se que isto seja superior à antiga boa maneira de cuidar, proporcionada pelos pais.”³

No século vinte, “profissões que dão assistência”, como medicina, psicoterapia e bem-estar social, têm gradativamente tomado o lugar das funções que antes eram principalmente de responsabilidade da família. Isto tem contribuído para enfraquecer a confiança dos pais em seu próprio julgamento. Atrevem-se eles a ser tão

presunçosos a ponto de ir contra a recomendação de peritos munidos de um punhado de credenciais? Não importa o fato de que a recomendação dos peritos está sujeita a constantes mudanças no conceito médico e psiquiátrico.

Os teóricos de choque do futuro nos conduzirão pelo caminho descendente, a fim de permitirmos que os peritos eduquem nossos filhos. Eles afirmam que “a família já não pode transmitir valores numa era de mudança, transitoriedade e mobilidade aceleradas, e opções que se alargam (‘superescolha’). Se o industrialismo exige que a família seja despojada de sua forma ampliada, então o superindustrialismo, como o chama Toffler, requer um ‘filete’ ainda maior — a redução da família ao casal. A parentela, importante demais para ser entregue a amadores e diletantes, será profissionalizada ao se entregarem os filhos a clínicas especiais ou, se isto se parece frio e impessoal demais, a casais especialmente treinados e aceitos pela paternidade”.⁴

Desafiando os peritos

Apesar do risco de ser rotulada como inep-ta, fumacenta, diletante, não estou disposta a abandonar minha compreensão da Bíblia nem minha própria experiência e senso comum e deixar que os “peritos” assumam a direção. Obviamente, creio que é melhor para meus filhos que eu fique com eles em casa. Devo admitir, porém, que uma razão igualmente forte para que eu assim proceda, não é tão altruísta. A verdade é que gosto disto. Aprender com eles, ajudá-los a alcançar seus próprios interesses, ler para meu filho e minha filha e estar junto com eles, dá-me grande prazer. De novo aqui estou marchando de pé trocado com a nova ordem. Penelope Leach, o Dr. Spock britânico, diz: É tornar-se fora da realidade, admitir que você gosta de estar em casa com as crianças.”⁵

Embora eu tivesse 97 por cento de possibilidade de conseguir uma nota desfavorável em um teste de aptidão de colégio, minha falta de *status* profissional como dona-de-casa não me tem preocupado muito. Um artigo de uma revista recente sobre *Pais*, expressa bem meu sentimento. Escrevendo sobre sua decisão de deixar seu trabalho de meio período como enfermeira, diz Elizabeth Berg: “De início, permanecendo em casa, só faltei morrer. Pela primeira vez, sabia agora que estava inteiramente na

dependência do salário do meu marido. Não que fôssemos ficar mais pobres sem meu ordenado. Mas eu achava que estava perdendo bastante poder, e mesmo a individualidade. Havia também aqueles temores infundados: minha cabeça vai-se tornar mingau; não vou ter nenhum *status*.... Dessa forma, procurei uma resposta alternativa para quando as pessoas me perguntarem o que faço... Cirurgia do cérebro, chama-se isto. Cirurgia não invasora do cérebro. Instalação de imagens importantes. Criadora de valores permanentes.... Não acho que minha mente vai-se tornar um mingau, coisa nenhuma; sinto, em lugar disto, que vai haver tempo para ocupá-la com aquilo de que necessito para nutrir a mim mesma, bem como aos meus filhos.”⁶

Necessidade dos filhos à parte, a esposa de pastor que fica em casa pode ser um auxílio para o ministério do seu esposo. Tem havido muita discussão e incentivo em favor de a mulher e o marido formarem equipe ministerial, em anos recentes. Quando nosso atual distrito ficava entre pastores, estes ouviam quais os predicados que desejavam em um pastor e sua família. Um dos itens foi equipe visível do ministério esposa. O que eles queriam, em resumo, não era um segundo pastor, mas uma esposa de pastor que fosse literalmente visível — não tão ocupada com outras atividades, como estar na igreja e funções sociais; capaz de contribuir onde for necessária.

Algumas esposas de pastores que conheço, especialmente aquelas cujos filhos já são crescidos e não constituem mais sua principal responsabilidade, estão encontrando grande satisfação em sua escolha de trabalhar ao lado de seus esposos, em lugar de procurarem emprego fora. Algumas preferem participar mais plenamente de um ministério de parêntese. Algumas têm dom para dar estudos bíblicos, liderar ou ajudar em seminários ou outros tipos de evangelismo. Outras, para aconselhar ou fazer trabalho de secretaria. Não significa isso, que a esposa de pastor que trabalhe não possa contribuir para o ministério de seu esposo; mas, especialmente quando tem filhos pequenos em casa, ao procurar desempenhar-se nas três funções, está ela exigindo um grande esforço de sua parte. Obviamente, a intensidade de seu envolvimento será limitada pelo número de horas em um dia.

Meu esposo e eu achamos que há ainda lugar para nossa família no ministério. Temos muitas vezes feito visitas a interessados, e dado estudos bíblicos, em companhia de nossos filhos. As crianças pequenas podem servir de “quebradoras de gelo”, quando visitamos uma casa pela primeira vez. Quando damos estudos bíblicos a famílias que têm crianças pequenas, as nossas têm cuidado daquelas, a fim de deixar os pais livres. Para que eu não dê lugar a um dilúvio de cartas de enfermeiras e secretárias iradas, permitam-me dizer-lhes que não estou prescrevendo um estilo de vida para todas as duplas pastorais. Muitas não compartilharão de minhas convicções quanto à esposa permanecer em casa. Enquanto outras podem ter idéias semelhantes, elas podem ter maiores responsabilidades financeiras (tais como custos educacionais) do que temos atualmente. Não obstante, estou dizendo como fazemos com um único salário.

O fator mais importante, tem sido nosso costume, durante toda a nossa vida de casados, de não ter dívida. Pagamos juros apenas sobre a hipoteca de uma casa. Gostamos da conveniência do cartão de crédito, porque fazemos muitas de nossas compras por correspondência, mas mantemos equilibrado nosso orçamento. André mantém e conserta os veículos mais antigos que dirigimos.

Contudo, não somos ascetas, nem estamos inteiramente imunes às ciladas de nossa sociedade materialista.⁷ Embora nunca tomemos emprestado para suplementar nosso ordenado, somos muitas vezes culpados de enfiar a mão em nossas economias para gastar mais do que devíamos.

Se vocês já estiveram endividadas e querendo sair da dívida, poderão mostrar-se sábias ao consultarem um conselheiro sobre finança. O contador que preenche nosso formulário de imposto de renda, poupa-nos cada ano uma grande quantidade de dinheiro — devo admitir que nesta área algumas de nós necessitam de ajuda dos peritos.

Alguns anos faço certas economias típicas de dinheiro, tais como costura, jardinagem, compostas e acabamento de móveis. Geralmente, porém, nossos projetos e os de vocês são itens sem os quais a maioria pode viver — tais como a máquina de desenhar de 1.800 dólares que André faz por 500 dólares. Houve depois o balanço de

madeira que as crianças e eu queríamos. Os catálogos de brinquedos jeitosos os anunciam ao preço de 475 dólares, e André fez um por apenas 400 dólares! (Com toda honestidade, este total inclui a compra de uma máquina de furar.) Estes projetos, diga-se de passagem, foram levados a efeito nas férias — não excursão ao Havaí. Ganhar um único salário exige alguma adaptação.

Tanto eu como meu marido, gostamos de usar roupas da melhor qualidade. Ficamos, porém, bastante contentes por usar uns casacos de lã não muito bons, durante anos, de preferência a ter um guarda-roupa cheio de objetos de barganha. Depois disso, os tiramos, antes que a congregação se canse de olhar para eles.

Descobrimos que algumas firmas davam descontos aos pastores. Por exemplo, este ano compramos um computador e uma máquina de cortar grama bem abaixo do preço de varejo. E o dono de nossa loja local dá a todos os pastores da cidade o mesmo desconto que concede a seus empregados.

Se vocês estiverem procurando uma maneira de ficar em casa, uma boa fonte de renda que merece ser levada em consideração é uma atividade comercial doméstica. Em anos recentes, a empresa do lar tornou-se parte do renascimento deste. Mais de dois milhões de americanos, e muitos brasileiros, vivem basicamente de atividades domésticas. Talvez aqueles acolchoados para enxoval de bebê ou aquele arranjo de flores artificiais que você faça para a igreja, tenha uma maior aceitação. Com certeza, uma pequena empresa doméstica pode não gerar o mesmo rendimento ou ser tão certa quanto um trabalho regular, mas você pode, em geral, dispor de suas horas e decidir quanto do seu tempo deseja nela empregar.

Não só é possível manter seus filhos em casa, em sua companhia, mas, como fazem muitas pessoas, você pode incluí-los, embora sejam pequenos, como auxiliares em sua aventura. Que treinamento! No seu sétimo ano de idade, nosso filho teve seu próprio negociozinho. Passar apenas cerca de uma hora cada duas semanas fazendo pé-de-moleque para duas casas de produtos naturais, rendia-lhe mais de 100 dólares.

Outra fonte que não deve ser esquecida é o Senhor. Poucos de nós hesitam em instar com os novos conversos para andarem na fé, quan-

do estes estão convencidos a respeito do dízimo e do trabalho no sábado. Creio que se vocês estiverem convencidas de que devem ficar em casa, Deus lhes indicará maneiras de aliviar-lhes os fardos financeiros.

Tenho ouvido dizer que alguns administradores denominacionais estão interessados em preservar minha espécie. Estão examinando a possibilidade de remuneração para as esposas de pastores envolvidas em ministério de dupla numa base regular. Esta pode ser a solução para esposas que desejam essa condição mas necessitam de meios adicionais para pagar a faculdade, o colégio ou outros gastos. Enquanto isso, alguns pastores continuarão dando o seu apoio ao grupo das "Obreiras do Lar", um grupo digno de ser aproveitado.

1. SDA Bible Commentary, vol. 7, pág. 365.
2. Christopher Lasch, *Haven in a Heartless World*, pág. 16.
3. Mary Pride, *The Way Home*, pág. 115.
4. Lasch, pág. 137.

5. Ann Banks, "Penelope Leach: The Experts' Expert", *Parenting* (março de 1987), pág. 46.
6. Elizabeth Berg, "Why I'm At Home", *Parents Magazine* (abril de 1987), pág. 123.
7. Em *The Culture of Narcissism* (Nova Iorque: W. W. Norton & Company, Inc., 1978), Christopher Lasch dá uma incisiva descrição do espírito econômico da época, à qual todos nós sucumbimos: "Numa época de expectativas decrescentes, as virtudes protestantes já não produzem entusiasmo. A inflação corrói os investimentos e poupanças. Os anúncios diminuem o horror das dívidas, aconselhando o consumidor a comprar agora e pagar depois. Como o futuro se torna ameaçador e incerto, apenas os tolos deixam para amanhã o prazer que podem ter hoje." (pág. 53).

Homenagem a Walter Schubert no 75º aniversário de sua chegada à Argentina em 1914

Arlo Fleming — Esposa de pastor, que trabalha em casa

Walter Schubert: A Chama que Ardía

Emboira não tenha tido a felicidade de trabalhar com Walter Schubert em suas campanhas, a influência de sua liderança e a dinâmica de sua técnica produziram impacto em minha vida. Em 1939, sendo ele presidente da Associação de Buenos Aires, visitou o lar de meus pais, em Lomas de Zamora, Buenos Aires, Argentina. Nessa época, contava Schubert 43 anos de idade, era alto e magro, e de porte e maneiras distintas. Usava chapéu de diplomata e uma bengala na mão direita. Com sotaque pronunciadamente alemão, e sem poder esconder sua gaguez dirigiu-se a meu pai, em seu comércio de tecidos e roupas feitas. Impressionado com a figura distinta do visitante, meu pai o ouviu com interesse.

Era eu um jovem de 17 anos de idade, e minha união à igreja adventista provocou no lar uma aguda crise de identidade. Depois de dez anos, a crise amainou quando minha irmã, agora Dorado, uniu-se à igreja. A visita de Schubert ao nosso lar não mudou meu pai; robusteceu, porém, em mim a decisão de continuar com o Senhor, apesar das dificuldades.

Se quisermos ser justos com a verdade histórica temos que admitir em Walter Schubert um dos evangelistas mais ousados e comprometidos. Seu nome deveria passar à posteridade junto com o de J. L. Shuler, Carlyle B. Haynes, W. W. Simpson, G. Vandeman, E. E. Cleveland, R. A. Anderson, D. Hammerly, Alcides Campolongo, Geraldo de Oliveira, Enoch de Oli-

veira, G. Storch, Dupuy e outros pioneiros, visto que Schubert tem com eles a brilhante idéia do inovador e a fascinação de uma personalidade vigorosa e distinta. Estou convencido de que sua personalidade extraordinária, mais do que sua metodologia, exerceu profunda influência no programa evangelístico de toda uma geração de obreiros de sucesso.¹⁵

Ao procurar analisar aspectos parciais do ministério de Schubert, em especial os mais próximos de sua vocação de evangelista, colocamos na senda de um homem inflamado com o fervor evangelístico, que além de evangelista singular, foi, por causa de sua personalidade e das circunstâncias em que teve de agir, um ponto de transição entre duas épocas.⁶ Como o vemos, Schubert, pela providência de Deus, tornou-se protagonista — talvez não o único, mas a chama que acendeu o fogo — de um novo e vibrante evangelismo, e ponto de partida para a grande explosão adventista na América do Sul.⁷

Um pai que sabia inspirar

Walter Schubert nasceu em Bremen, Alemanha, em 1896. Era o mais velho de quatro irmãos. Seu pai, George W. Schubert,⁸ pastor metodista, defrontou-se com a verdade do sábado ao ler a Bíblia. Preocupado com a descoberta, perguntava-se a si mesmo: “Por que observamos o domingo, quando as Sagradas Escrituras mostram claramente o sábado?” Semanas depois, deparou-se, numa pousada da comarca, com o livro BIBLE READINGS FOR THE HOME CIRCLE. A leitura deste fortaleceu-lhe a convicção de que o sábado bíblico é o dia do Senhor. Ali mesmo, tomou a decisão de ser fiel a Deus, renunciando seu pastorado metodista e unindo-se à igreja adventista e a seu ministério. Após servir nas fileiras dos colportores e no pastorado, em 1903 tornou-se o presidente da Associação Adventista de Rhemish e Prússia. Num período de grande tensão espiritual, que se tornou dramático com a Primeira Guerra Mundial, foi nomeado presidente da União Adventista do Centro da Europa. Em 1926, foi nomeado secretário-consultor da Associação Geral com sede em Washington D.C., mas em 1934 passou a ser presidente da Divisão da Europa Central.⁹

Foi no lar de um pai cheio de fervor missionário e de u’a mãe piedosa e terna, que Schu-

bert recebeu o chamado divino para a missão.¹⁰ Nasceu-lhe então o desejo de ir para a África. Por razões, contudo, que qualificaremos de providenciais, embarcou para a região das oportunidades, a América do Sul. Schubert não foi enviado pela igreja; nenhuma comissão votou sua indicação, instituição alguma lhe pagou a passagem. Todavia, o poder divino que se manifestou no Pentecostes, levou-o ao cenário de suas agonias, de suas inovações, de suas contradições e de suas vitórias.¹¹

Encontra esposa no Chile

O protagonista de nosso ensaio chegou à Argentina em alguma ocasião do ano de 1914. Desde então, até o momento em que escrevemos este reconhecimento, já se passaram 74 anos.¹² Em novembro do ano seguinte, estava no Chile e, em 1921, havia contraído matrimônio com Amara Balada. A história da família Balada está relacionada com o início de nossa obra no belo país andino.

Tudo aconteceu de acordo com as fontes que pesquisamos. Fred William Bishop, junto com Tomas Davis, são considerados os primeiros colportores a chegarem ao Chile.¹³ Enquanto estudava no colégio de Healdsburg, agora Pacific Union College, Bishop ouviu um sermão pregado pela irmã E. G. White. Nessa mensagem, ela fez um apelo dramático para que os jovens alunos se integrassem ao programa missionário da igreja e fossem aos campos distantes, dar testemunho em favor do evangelho.¹⁴ Aceitando o desafio, Bishop e Davis resolveram ir para o Chile.

A viagem de barco até o porto de Valparaíso demorou cinquenta e quatro dias. Quando atracaram, mal deixaram o barco, começaram a vender Bíblias e livros às pessoas que falavam o inglês. Para darem a mensagem às pessoas que falavam o espanhol, escolhiam versículos da Bíblia e pediam aos transeuntes que fizessem o favor de lê-los em castelhano. Percorreram o país de norte a sul e, finalmente, Bishop aventurou-se a uma viagem às Malvinas, onde semeou as primeiras sementes do adventismo naquelas ilhas remotas. Como resultado de todo esse trabalho de valorosa semeadura, a família Balada aceitou a mensagem e um de seus membros, Amara, veio a ser esposa de Walter Schubert.¹⁵ O casamento se realizou em 7 de março de 1921, tornando-se Amara uma fonte

de inspiração e força para Walter, ao longo dos muitos anos de vida conjugal. Dessa união nasceu uma filha, Dorita, que mora na Califórnia, e é casada com o Dr. Wesley Buller.

Três episódios dramáticos

Foi numa escola rural de Segui, Entre Rios, que Schubert iniciou seu ministério docente, em 1916. Tudo aconteceu enquanto Schubert andava por uma das ruas poeirentas de um povoado nortista, sem dinheiro, com fome e sem amigos. Pareceu-lhe ouvir uma voz que lhe dizia: "Vá ao correio, que ali há uma carta para você." Embora não conhecesse ninguém que pudesse interessar-se por ele, dirigiu-se ao correio. Havia ali uma carta com um cheque no valor de trinta e cinco pesos argentinos, e uma promessa de trabalho. A carta estava assinada por Ernesto Rosher, um agricultor adventista de Crespo, Entre Rios, Argentina.¹⁶

Sensibilizado com essa demonstração do amor divino, Schubert procurou um lugar solitário para ajoelhar-se e, derramado lágrimas, ergueu a voz em agradecimento, dizendo: "Obrigado, Senhor!" Continuou ensinando na escola de Segui até 1918, e daí em diante por quarenta e seis anos; até sua jubilação em 1962, serviu à igreja como professor, auxiliar de escritório, departamental, tesoureiro, presidente de associação, secretário ministerial de divisão e, finalmente, como associado ministerial a nível da Associação Geral. Naqueles longos quarenta e seis anos, diz Schubert, "poucas vezes" me senti com saúde.¹⁷ Prosseguiu com confiança no Senhor, enquanto em silêncio enfrentava as alternativas de sua enfermidade.

Três ocasiões críticas, na vida de Schubert, deram origem a momentos especiais em seu ministério. A primeira delas atingiu seu ponto culminante em 1923, quando alguns de seus contemporâneos pensavam que Ele não possuía as condições pessoais adequadas para fazer evangelismo público. Como poderia uma pessoa ga-ga satisfazer as exigências evangelísticas? Dessa forma, até 1923 Schubert atuou como professor primário, funcionário de escritório e departamental a nível de Associação.¹⁸

No ano acima mencionado, passaram-lhe o chamado para ser departamental da União Austral, com sede em Flórida, Buenos Aires. Mas o presidente da Associação, querendo conservá-lo, ofereceu-lhe, ainda que com relutância, tra-

balho pastoral na igreja de Valparaíso. Schubert aceitou o chamado com alegria, pois considerava o pastorado como a porta da oportunidade para realizar a obra de evangelista com a qual sonhara.¹⁹

Quando a notícia se tornou conhecida, alguns abanavam a cabeça e diziam: "Vai ser um fracasso!" Contudo, os resultados mostraram o oposto. Com perseverança, apoiada numa vontade de ferro e contínua oração, a deficiência da fala, em lugar de ser um empecilho, transformou-se em um atrativo para o ouvinte. Sua personalidade marcante cativava o auditório e, em três anos de trabalho árduo, o número de membros da igreja de Valparaíso triplicou.

Antes como agora, a escassez de dinheiro tornava mais difícil a tarefa evangelizadora. Não obstante, sempre houve líderes e irmãos que se arriscaram, facilitando os meios indispensáveis para a proclamação do evangelho. Essa primeira crise culminou em vitória.²⁰

Na segunda crise, uma mulher extraordinária, cheia de fé e comprometida com o Senhor, salvou o homem. Schubert foi "tentado a tirar vantagem de ofertas de trabalho fora da denominação, e assim libertar-se das pressões econômicas e da angústia de um evangelista". Certa manhã resolveu pedir sua renúncia e, quando acabou de escrevê-la, estava disposto a entregá-la. Mas quando ia saindo, sua bondosa esposa Amera o interrompeu. Abrindo os braços para impedir-lhe a saída, disse-lhe: "Não te deixarei sair enquanto não me prometeres não abandonar o ministério. Casei-me com um pastor, e quero que este homem chamado Walter Schubert continue sendo um ministro de Deus." Comovido com as lágrimas da esposa, Walter renovou seu voto de lealdade ao Senhor. Uma boa esposa pode motivar um homem para o serviço de Deus, e uma destituída de fé e confiança pode levá-lo ao fracasso.²¹

Os que tivemos a felicidade de testemunhar os episódios que deram origem à terceira e talvez mais frutífera crise, sabemos que Deus continua no comando de Sua igreja. O congresso quadrienal da União Austral, convocado em 1946, foi cenário dessa crise. Walter Schubert, com vasta experiência administrativa e com trinta anos de serviços contínuos, prestados à Divisão Sul-Americana, era candidato em potencial para ocupar a presidência. Contra toda

lógica, os irmãos elegeram o Pastor Alfredo Aeschlimann²² que, embora com limitada experiência administrativa, gozava do respeito de todos. A sabedoria dessa escolha ficou demonstrada na habilidade e amadurecimento administrativo de Aeschlimann ao dirigir a União com singular eficiência, em busca de seus objetivos.

Como se poderia prever, o desapontamento e frustração de Schubert foram amargos, e os resultados difíceis de entender naquele momento, mas Deus tinha um plano melhor para ele. Fechara-se para sempre uma porta, mas outra era aberta por Deus, e nela entrou Schubert para viver os últimos anos de seu ministério na romântica aventura do evangelismo. Durante trinta anos, desejara fazer a obra de um evangelista sem interrupções nem impedimentos, mas os irmãos tentaram fazê-lo um administrador. Na verdade, foram anos de difícil aprendizado, mas a experiência adquirida foi frutífera. Agora estava preparado, embora nunca de maneira integral, para fazer da pregação a ocupação exclusiva de sua vida. Os anos 1946-1948 estabelecem o ponto de transição, o final de uma era e o início de uma nova experiência na vida de Schubert.²³ Nessa data, Schubert passou a ser o evangelista da Divisão Sul-Americana.

Revolução na metodologia

O escritor católico, Robert Wood, S. N. diz qual tem sido o ponto fraco do evangelismo adventista. Afirma que os adventistas têm encontrado muita oposição na América Latina por serem abertamente anticatólicos.²⁴ Confessa bondosamente que “os adventistas do sétimo dia encontram-se em todas as partes da América Latina... Os adventistas são tão ativos como grupo missionário, que três quartas partes deles estão fora dos Estados Unidos”. Concluindo, faz esta observação: “Se seu enfoque fosse mais positivo e diplomático, certamente obteriam maior êxito ainda.”

Foi isso que Schubert quis desenvolver. Poder-se-á discutir se alcançou esses objetivos ou não; o que ninguém poderá discutir, porém, é a intenção. Schubert andou um bom trecho na direção certa. Conseguiu atingir dois grandes objetivos: abandonou o enfoque protestante trazido pelos missionários norte-americanos — técnica que se mostrou insuficiente ou ina-

dequada — e introduziu uma metodologia mais em harmonia com o temperamento e a cultura à qual era dirigida.

Um acontecimento histórico que mostra a importância de ouvir e avaliar as opiniões dos irmãos leigos, é narrado por Schubert. Enquanto fazia uma série de conferências na igreja de Palermo, na cidade de Buenos Aires, a irmã F. Longhi lhe deu um conselho que apressou a mudança da metodologia. Ela havia conseguido trazer às reuniões vários de seus familiares, mas no dia seguinte eles foram à igreja católica confessar-se, temendo ter cometido pecado mortal. A irmã Longhi disse a Schubert que seus familiares haviam estado todo o tempo da reunião tremendo de medo, especialmente ao serem convidados a dar ofertas, cantar e orar.^{25,26} Fez então a seguinte sugestão: por que o senhor insiste em fazer com que os ouvintes orem, cantem e dêem ofertas, quando na verdade foram convidados para ouvir um assunto religioso? O senhor deve fazer conferências como o fazem os professores de faculdade; e, se precisar de dinheiro, peça-o aos irmãos da igreja.

Naquela noite, Schubert perdeu o sono e, pela manhã, fez uma consulta especial à comissão da Associação, explicando o ocorrido com a irmã Longhi. O Pastor Hammerly Dupuy deu total apoio à idéia de inovar, e a Comissão votou que se fizesse uma experiência. Foi alugado um teatro com capacidade para 400 pessoas. O resultado foi surpreendente, dando origem, assim, a uma nova dimensão evangelística desconhecida até então.²⁷ Logo os pastores da Argentina e Uruguai seguiram o exemplo e, como consequência, o número de conversos aumentou consideravelmente.

Chegamos assim ao final deste ensaio, cuja finalidade principal foi lembrar um homem que viveu num tempo difícil para a pregação, mas se lançou à romântica aventura da evangelização e venceu. Seu exemplo clama por imitação nestes dias de incerteza e desafio.²⁸

No horizonte de cada ser humano há objetivos terrenos corretos e legítimos que merecem ser alcançados. Há, porém, para o crente consagrado e fiel, uma paixão que não deve ser restringida — a paixão pela salvação das almas.²⁹ A obra do evangelista chegará ao zênite se nosso olhar estiver fixo em nosso Senhor. A metodologia de Schubert não foi perfeita, sua per-

sonalidade não era perfeita, mas o era sua paixão pelas almas, e isso significa muito. Em seu compromisso com o Eterno, Schubert mostrou que os crentes no Senhor podem avançar, mesmo contra toda impossibilidade, e triunfar. Ele lutou por seu ideal missionário, e Deus lhe deu a vitória.³⁰

1. Ver Howard B. Weeks, *Adventist Evangelism in the Twentieth Century* (Review and Herald, 1969), pág. 19.

2. *Daniel Hammerly Dupuy* (+ 1972). Doutor honoris causa pela Universidade de Andrews, 1970. Foi profundo pensador, escritor prolífico, arqueólogo, antropólogo e evangelista influente. A Universidade Adventista da União Incaica, com sede em Naña, Peru, honrou-o postumamente, dando seu nome à biblioteca.

3. *Alcides Campolongo*. Foi durante 30 anos o evangelista da cidade de São Paulo, Brasil. É locutor oficial de nossos programas de rádio e televisão. Batizou mais de 10.000 preciosas almas e realizou em torno de 500 casamentos. Sua personalidade amável, realçada por sua sonora voz e seu cativante sorriso, além de seu amor à igreja, têm-lhe dado uma posição privilegiada como evangelista.

4. *Geraldo de Oliveira*, Enoch de Oliveira e Gustavo Storch deram contribuições positivas e causaram motivações profundas no evangelismo das massas. Os frutos são vistos na pujança da Igreja Adventista do Brasil.

5. Carta do Dr. Rubén Pereyra a Salim Japas, 2 de maio de 1976.

6. *Enoch de Oliveira, South America, the Adventist Message and the Method* (monografia para Andrews University Seminary, maio de 1967), pág. 21.

7. Carta do Dr. Joel Sarli a Salim Japas, 11 de maio de 1976.

8. George W. Schubert (1869-1943), nasceu em Potsdam, Alemanha.

9. Ver *The Seventh Day Adventist Encyclopedia*.

10. O manuscrito inédito de Walter E. Murray, ex-vice-presidente da Associação Geral e ex-presidente da DSA, em poder do autor, indica que quando Walter Schubert chegou à idade de 14 anos, seu pai teve um diálogo com ele. Nesse diálogo, foi oferecida a oportunidade de escolher a igreja à qual queria pertencer. Walter preferiu a adventista à luterana. O batismo de Walter e outros quinze conversos, foi realiza-

do em segredo em um prédio de quatro andares. Os catecúmenos e as poucas testemunhas prometeram manter em sigilo o que havia acontecido, pois as denominadas "seitas" podiam pregar, mas estavam totalmente proibidas de administrar sacramentos.

11. Carta de Walter Schubert a Salim Japas, 15 de abril de 1974.

12. O documento de Walter E. Murray, que mencionamos, informa que ao estourar a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os pais de Walter, ante o perigo de este ser incorporado às fileiras do exército, decidiram enviá-lo para fora do país, para a América do Sul, com um adventista agricultor, de origem alemã, que viajava para a Argentina. Depois de três anos de duro trabalho na colheita do amendoim, Walter foi despedido devido, em grande parte, a incompatibilidade temperamental com o dono da plantação (ver também carta de Walter Schubert a Salim Japas de 6 de março de 1975).

13. *Fred William Bishop*. As datas a ele indicadas foram proporcionadas por Guilherme Bishop e Vyhmeister, filha de Fred, em carta de 10 de maio de 1974, dirigida a Salim Japas.

14. Ver *SDA Enciclopedia*, págs. 225-228.

15. *Idem*, pág. 100.

16. Walter E. Murray, obra citada, pág. 4.

17. Carta de Walter Schubert a Salim Japas, 29 de abril de 1974.

18. Carta de Walter Schubert a Salim Japas, 15 de abril de 1974.

19. O manuscrito de Walter E. Murray, citado várias vezes em nosso trabalho, mostra que, quando Walter era criança, presenciou um debate público entre seu pai e vários pastores luteranos. Embora as crianças estivessem proibidas de assistir, Walter conseguiu burlar a vigilância familiar. Walter aplaudiu o pai até se cansar, e depois foi à frente cumprimentá-lo quando o debate terminou a favor dos adventistas.

20. *Idem*, pág. 6.

21. Ver Walter Schubert, *My Spiritual High Andes*, Review and Herald, 23 de julho de 1958.

22. Alfredo Aeschlimann. Nasceu no Chile em 1904, de pais suíços. Foi batizado na igreja adventista no Colégio de Chillán em 1923. De seu casamento nasceram dois filhos: Lucy e Carlos Edy. Este último fez progresso como obreiro de grande eficiência no setor de evangelismo. Carlos Edy foi evangelista da Associação de

Buenos Aires, da União Austral até 1965. Desde então, foi constituído promotor de uma extensão evangelística significativa na Divisão Interamericana, atuando primeiro como evangelista da União Mexicana, e depois como secretário ministerial associado da Associação Geral e responsável por Colheita 90. Dom Alfredo Aeschlimann, seu pai, depois de um trabalho bem-sucedido como administrador da União Austral, em 1955 foi para Cuba, onde ensinou e dirigiu o departamento de teologia do Colégio das Antilhas. Em momentos difíceis para a Igreja, assumiu a presidência da Instituição. Mais tarde, tornou-se presidente da União Mexicana, terminando seu ministério de 50 anos de serviços, como secretário ministerial da Divisão Interamericana. Ele e sua esposa Maria Dolores vivem agora em Coral Gables, Flórida, Estados Unidos.

23. Enoch de Oliveira, obra citada, pág. 21.

24. Robert Wood, SN, *Missionary Crisis and Challenge in Latin America* (St. Louis, Herder

Book Co., 1964), pág. 62.

25 e 26. Carta de Walter Schubert a Salim Japas, de 27 de março de 1974. Embora não se indique a data do acontecimento de referência, podemos afirmar que deve ter ocorrido entre os anos 1937 e 1939.

27. Os que tiveram, como nós, ocasião de ouvir Walter Schubert em mais de uma oportunidade, sabem que suas mensagens produziam impacto. Com o tempo, conseguiu atrair público numeroso. Entre suas campanhas de maior êxito, podem-se mencionar as de Quito, Equador; Manaus, Brasil; Havana, Cuba; Milão, Itália, etc.

28. Ver *The Ministry*, abril de 1960, pág. 15.

29. Salim Japas, *Fuego de Dios en la Evangelización*, pág. 3.

30. Walter Schubert dormiu no Senhor, placidamente, em sua casa de Loma Linda, Califórnia, em 28 de outubro de 1980.

Pastor Salim Japas

Êxodo e Libertação

As últimas duas décadas viram nascer e florescer de maneira inesperada uma nova reflexão teológica, hoje amplamente conhecida como Teologia da Libertação.

Este enfoque teológico pretende tornar-se eco do clamor crescente das multidões que gemem sob o peso angustiante da pobreza, da injustiça e da marginalidade. Originada na América Latina, região na qual as desigualdades são muito pronunciadas, a Teologia da Libertação atravessou as fronteiras latino-americanas e desfrutou de uma invejável popularidade em outras partes do Terceiro Mundo, como a Ásia e a África, por exemplo.

Gustavo Gutiérrez Merino, um sacerdote peruano, deu a este movimento seu impulso inicial com a publicação do livro *Teologia da Libertação. Perspectivas*, editado em Lima, em 1971 e traduzido já pelo menos para nove línguas.

A tese fundamental da Teologia da Libertação é que Deus está ao lado dos pobres e oprimidos, e que a libertação destes é a essência da ação salvadora de Deus. Por isso, a responsabilidade do cristão e a missão da igreja deve ser cooperar com Deus em Sua ação redentora.

No intento de ser aplicada à realidade latino-americana e de respaldar os cristãos que se envolvem na atividade libertadora, a Teologia da Libertação distingue-se, metodologicamente, das teologias tradicionais. Gutiérrez insiste em que esta nova teologia não propõe, na realidade, um novo tema para a reflexão, mas "uma nova maneira de fazer teologia" (*Teologia de la Liberación*, pág. 40). Em vez de começar os que-fazeres teológicos com conceitos derivados das Escrituras ou da tradição, a Teologia da Libertação tem como ponto de partida a situação social, política e econômica da América Latina. O livro de texto, o ponto de partida, portanto, não são as Escrituras, mas a realidade históri-

ca. E esse livro de texto revela que existe pobreza, opressão, desigualdade e injustiça.

O vertical e o horizontal

Os teólogos da libertação dizem que a Igreja, através de sua história, tem prestado mais atenção à dimensão vertical do evangelho: o transcendente, o mais distante; e tem ignorado, ou relagado a segundo plano, a dimensão horizontal, onde vivem e lutam cotidianamente as pessoas. A teologia, insistem eles, devem ser prática e ativa; não somente para interpretar o "texto", mas como agente de sua transformação. Os pobres e oprimidos não se preocupam com assuntos teóricos, com realidades invisíveis; sua preocupação é com o que comerão amanhã, ou como educarão seus filhos. E a teologia deve dar prioridade ao mais urgente, ao imediato.

É importante, como segundo passo dessa maneira de fazer teologia, procurar saber o porquê de tal situação. Qual a razão para que haja tanta pobreza, desigualdade e opressão. A este respeito, escreve Leonardo Boff, conhecido teólogo brasileiro: "É necessário analisar as causas dessa pobreza e miséria, ver quais são os nexos causais, porque pobreza não nasce por geração espontânea, nem tão pouco cai do céu; é, antes, gerada por relacionamentos injustos entre os homens" (*A Igreja é o Sacramento de Libertação, Processo*, 118 [5 de fevereiro de 1971]: 11).

Consegue-se esse objetivo, com o auxílio das Ciências Sociais: Sociologia, Ciência Política, Economia e Antropologia, por exemplo. E, sendo que o Marxismo analisa a situação desse ponto de vista das massas e é considerado científico, considera-se também que esta é a opção mais viável para penetrar no fundo do problema e entender a realidade concreta da região. "É a própria realidade que impele os cristãos a olharem para o marxismo", declarou Phillip E. Berryman (*Theological Studies* 34 [1973]: 374).

Não significa que os teólogos da libertação sejam necessariamente marxistas, mas é certo que em menor ou maior grau sofrem a influência dessa ideologia. Juan Luis Segundo, destacado teólogo uruguaio, admite: "Se alguém aceita ou não tudo o que Marx diz, ou a maneira como recebe seu pensamento 'essencial', não pode haver dúvida de que o pensamento social de hoje será 'marxista' em certo grau, isto é,

profundamente comprometido com Marx. Nesse sentido, a teologia latino-americana é certamente marxista" (*The Liberation of Theology*, pág. 35).

Mas a pergunta que surge naturalmente é: Pode-se usar o marxismo como instrumento de análise sem, ao mesmo tempo, adotar-lhe a antropologia, concepção materialista da vida e mesmo estratégias para conseguir as mudanças nas estruturas da sociedade, uma vez feito o diagnóstico? O exame cuidadoso dessa teologia revela que tal coisa não é tão fácil como parece.

E quanto às Escrituras? perguntará a esta altura o leitor. Acaso não se trata de teologia da libertação? Que papel desempenham as Escrituras nessa nova teologia? É precisamente agora, e como um terceiro passo, que se dirige a atenção para a Bíblia.

Uso seletivo das Escrituras

No primeiro passo, ao se estudar a realidade histórica, descobre-se que na América Latina — e em outras partes do mundo — há pobreza, exploração e injustiça. Em segundo lugar, ao se analisar a situação com o auxílio das ciências sociais, determina-se que o problema, ou melhor, a causa do estado de coisas, são as estruturas políticas, econômicas, sociais que imperam. Em outras palavras, o capitalismo é o culpado e a única solução será lutar para que essas estruturas desapareçam e sejam substituídas por uma opção que prometa ser mais justa e equitativa.

Como se vê, é difícil evitar a impressão de que ao irmos às Escrituras como um terceiro passo, façamo-lo não tanto para encontrar saída e orientação, mas para achar apoio a posturas já assumidas. Por isso, naturalmente, o uso das Escrituras nessa teologia é muito seletivo. Seleciona-se e acentua aquilo que apóia a luta libertadora.

Juan Luis Segundo define essa metodologia nas seguintes palavras: "Espero que fique claro que a Bíblia não é o discurso de um Deus universal para o homem universal. Justifica-se a parcialidade, porque devemos encontrar e designar, como a palavra de Deus, essa parte da revelação divina que hoje, à luz de nossa situação histórica concreta, é mais útil para a libertação que Deus ordena" (*The Liberation of Theology*, pág. 33).

E a libertação que Deus ordena, segundo o entender dessa teologia, é basicamente horizontal; tem o que ver com justiça social, porque o pecado, na verdade, encontra-se nas estruturas que oprimem e escravizam. A palavra libertação, como se usa comumente na América Latina, está intimamente relacionada com revolução, e aspira a um rompimento completo com o sistema atual, que é visto como dominante e opressivo. Assim o entende Gutiérrez: “É evidente, com efeito, que só o rompimento com a injusta ordem atual e um compromisso aberto com uma nova sociedade, tornará crível aos homens da América Latina a mensagem de amor da qual é portadora a comunidade cristã.” — *Teologia de la Liberación*, pág. 138.

A libertação dos israelitas

É por isso que a história do Êxodo, o livramento dos israelitas da escravidão egípcia, tornou-se o texto preferido dessa teologia. A situação atual da América Latina, expressa em palavras tais como dependência, opressão, exploração corresponde, em muitos aspectos, à situação do povo de Israel no Egito. Os israelitas gemiam sob a mão cruel e pesada do Faraó, que se enriquecia à custa do trabalho alucinante de seus escravos. E que fez Deus? Não permaneceu indiferente. Diz o relato: “Tenho visto atentamente a aflição do Meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores. Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios... Eis que o clamor dos filhos de Israel chegou a Mim, e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem. Vem, pois, agora e Eu te enviarei a Faraó, para que tires o Meu povo (os filhos de Israel) do Egito” (Êxodo 3:7-10).

O Êxodo oferece, para os teólogos da libertação, figuras ou uma “tipologia” apropriada para expressar a problemática da América Latina. Notemos o que diz Roberto Sartor: “Uma vez mais, com efeito, tornam a ocorrer as constâncias históricas que assemelham situações típicas do homem. Como outrora Israel gemeu na dura escravidão no Egito, clamando por um êxodo libertador, também hoje, o homem latino-americano vive oprimido pelas injustiças e a miséria, situação da qual tomou conhecimento e luta para libertar-se” (Êxodo-Liberación, *Revista Bíblica*, 33 [1971]: 75). No

mesmo artigo, Sartor cita Emilio Castro, que diz:

“Quando vemos multidões de pessoas vindo das montanhas ou do campo para as cidades, buscando um futuro melhor, muitas vezes nos vem à mente o quadro do povo de Israel saindo do Egito em busca da terra prometida... Qual a diferença que pode existir entre as massas latino-americanas de hoje, buscando sua terra prometida e as massas israelitas de outrora, atravessando o deserto do Sinai?... Que aconteceria na América Latina se as igrejas se atrevessem a desempenhar o papel de Moisés e dizer ao homem que não é apenas sua miséria que o leva à cidade, que não é só o fenômeno secular da urbanização, mas que ali está também a promessa, o chamado de Deus que o convida para uma vida mais humana? (pág. 76).

É evidente que no Êxodo mostrou Deus complacência para com os oprimidos, interveio a seu favor e contra os opressores. Os teólogos da libertação notam que o mesmo Deus que agiu no Antigo Testamento, atenta ainda ao clamor dos oprimidos e deseja sua libertação. Devido, porém, a sua hermenêutica particular, vêem a libertação dos israelitas da escravidão egípcia como um ato, se não totalmente, pelo menos essencialmente político. E dada à realidade histórica da América Latina, parecida com a de então, o fator político assume prioridade indiscutível.

Não é possível, porém, nem teologicamente responsável, isolar o relato do Êxodo, e outras porções semelhantes, da perspectiva geral das Escrituras, sem cair no perigo de distorcer-lhe o conteúdo. Quando visto em seu próprio contexto, e como parte de uma história mais ampla, o Êxodo é mais do que a libertação de um grupo de escravos que se rebelou contra um sistema político que o mantinha pobre.

Povo especial de Deus

É verdade que a libertação dos israelitas da escravidão egípcia foi um ato de justiça no qual Deus livrou os oprimidos e castigou os opressores; não se deve esquecer, porém, que aqueles escravos eram ao mesmo tempo o povo especial de Deus. Deus não só ouviu o clamor dos escravos, mas Se lembrou também de Seu pacto com Abraão, Isaque e Jacó (Êxo. 2:24).

Aqueles escravos eram, ao mesmo tempo, o

povo do Pacto. E esta é precisamente a razão pela qual interveio Deus para libertá-los. Sem dúvida alguma, havia outros escravos no mundo antigo, que também gemiam ao peso da opressão e clamavam como os israelitas, mas Israel achou graça diante de Deus, porque era Seu povo. "Tenho visto atentamente a aflição do Meu povo, que está no Egito" (Êxo. 3:7).

Deus agiu de maneira especial para com aquele povo, como o deixou registrado Davi, anos mais tarde: "Não fez assim a nenhuma outra nação" (Sal. 147:20). Além do mais, o Êxodo não envolvia um apelo ao povo para organizar-se, influenciar as massas e planejar a estratégia: Foi antes um ato de Deus, inteiramente sobrenatural. Eles deviam depender totalmente do poder de Deus, do Deus de seus pais. Moisés disse ao povo: "Não temais: estai quietos, e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará" (Êxo. 14:13).

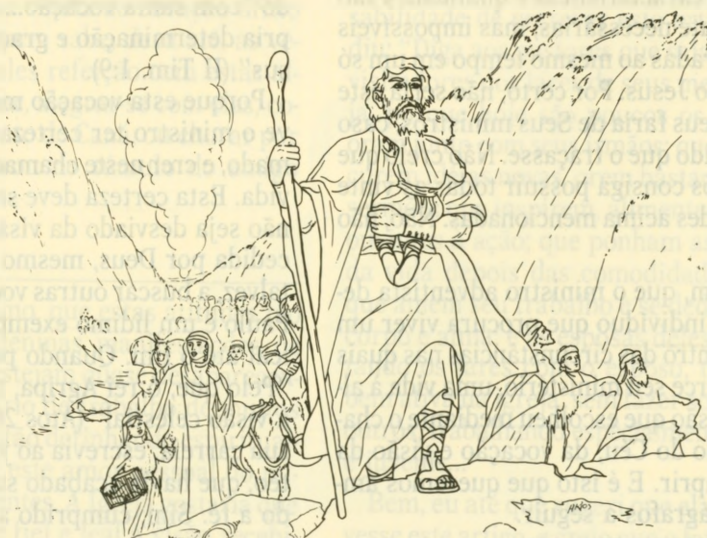
Finalmente, não devemos esquecer que a libertação do Egito é apenas parte da história. Israel não foi libertado da opressão egípcia e deixado em liberdade para viver com dignidade em uma nova situação, sem opressão. Foi libertado da opressão de Faraó para que estivesse livre e pudesse dedicar-se ao serviço de Deus. "Deixa ir o Meu povo, para que Me sirva" (Êxo. 7:16), foi a nota tônica em todo o episódio; do Mar Vermelho, a nuvem os levou ao Sinai, onde foi renovado o pacto.

O Êxodo tinha um pré-requisito: ser o povo do Pacto; e um pós-requisito: dedicar a vida ao serviço de Deus, com o objetivo de que Sua bênção chegasse, por meio deles, a todas as nações.

Por isso, um programa de libertação econômica, política e social, que tem por objetivo capacitar as pessoas a viverem livres da pobreza e opressão e nada mais, não é o que nos ensina o Êxodo. Os teólogos da libertação desejam que sua teologia se relacione especialmente com aqueles que são vítimas da injustiça e que se vêem forçados a viver à margem da decência e da liberdade. E não há dúvida de que chamaram a atenção para um aspecto do evangelho que, com frequência, tem sido tristemente olvidado. Ao mesmo tempo, porém, não devemos esquecer a dimensão espiritual: a libertação política, econômica e social sem a libertação espiritual é um beco sem saída, porque o pecado, antes de expressar-se nas estruturas da sociedade, é uma feia realidade do coração humano.

Só o poder transformador do Evangelho do Senhor Jesus pode trazer verdadeira libertação, libertação da culpa e da escravidão do pecado, causa real de toda injustiça e opressão. Disse Jesus: "Se pois o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (S. João 8:36). Só na força dessa liberdade poderá o homem estender u'a mão de ajuda àqueles que consciente ou inconscientemente desejam libertação. Uma libertação que não se limita ao temporal, mas se projeta, para além da História, à gloriosa intenção do Senhor Jesus, quando o Deus do Êxodo criará "novos céus e nova Terra, em que habita a justiça" (II S. Pedro 3:13).

Dr. Atílio Dupertuis



Características Mais Importantes de um Pastor

Um moderno professor de teologia traçou o seguinte perfil do que considera um bom ministro ou pastor de almas:

“Um ministro necessita ter a fé de Abel, a compaixão de Enoque, a perseverança de Noé, a obediência de Abraão, a mansidão de Moisés, a prudência de Isaque, a persistência de Jacó, a paciência de Jó, a audácia de Davi, a sabedoria de Salomão, a visão de Isaías, a coragem de Elias, a calma de Eliseu, a lealdade de Daniel, a energia de Ezequiel, a força de Sansão, a abnegação de Jeremias, a consagração de Samuel, o heroísmo de João Batista, o valor de Estêvão, a sinceridade de Pedro, o fervor de Paulo, a eloqüência de Apólo, o tato de Barnabé, o amor de João que foi discípulo amado, a compaixão e pureza de nosso Senhor Jesus Cristo e o poder do Espírito Santo.”

Todas estas características e qualidades são muito boas e até necessárias, mas impossíveis de ser encontradas ao mesmo tempo em um só homem, exceto Jesus. Por certo, não seria este o perfil que Deus faria de Seus ministros, caso Lhe fosse pedido que o traçasse. Não creio que nenhum de nós consiga possuir todas as vinte e oito qualidades acima mencionadas. Não, não creio!

Creio, porém, que o ministro adventista deve ser aquele indivíduo que procura viver uma vida santa, dentro das circunstâncias nas quais trabalha e exerce seu ministério, uma vida à altura da profissão que escolheu mediante o chamado recebido do Céu, da vocação e visão da missão a cumprir. E é isto que queremos ampliar nos parágrafos a seguir.

Poder contagiante

Uma das virtudes da vida santa é o seu poder de contágio. O pastor deve ser ou viver uma vida santa contagiante; que contagie os membros da igreja aos quais serve, e a todos que com ele entre em contato. Assim foi a vida dos santos de Deus.

Há três experiências na vida do pastor, em torno do seu chamado, experiência e visão, que devem ser contagiantes, porque são santas.

A primeira é justamente a sua vocação para o ministério divino — experiência que é seguida de um chamado e, conseqüentemente, resulta numa visão. Cada pastor de Deus deve, precisa sentir-se vocacionado para o trabalho de pregar e salvar almas para Cristo Jesus, o que geralmente é confirmado pelo chamado divino e sua fidelidade à visão da missão a ser cumprida. O ministro adventista é um homem salvo pelo poder de Deus e, então, por Ele chamado “com santa vocação... conforme a Sua própria determinação e graça dada em Cristo Jesus” (II Tim. 1:9).

Porque esta vocação ministerial é santa, deve o ministro ter certeza da vocação, do chamado, e crer neste chamado durante toda a sua vida. Esta certeza deve ser absoluta, para que não seja desviado da visão celestial a ele concedida por Deus, mesmo quando for tentado, talvez, a buscar outras vocações menos santas. Paulo é um lídimo exemplo do ministro fiel e leal até o fim. Quando perante Agripa, disse: “Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial” (Atos 26:19). E, já no fim de sua carreira, escrevia ao jovem ministro Timóteo, que havia acabado sua carreira e guardado a fé. Sim, cumprido a visão celestial!

Cada ministro deve possuir uma gama de características (não necessariamente todas as 28!) que o habilitem a cumprir o que a visão celestial lhe mandar fazer, e manter sempre ardente no coração a santa vocação como prioridade de suas atividades.

Esta atividade sua, ou trabalho para Deus, é sua segunda experiência contagiante no ministério. Como a vocação, o chamado e a visão, também o trabalho é santo. O ministro deve gostar do seu trabalho de pregar a Palavra, de visitar os fiéis e os pecadores, os sãos e os enfermos, e orar com eles, inspirando-os a ir a Cristo. Não rejeitará o trabalho duro, nem o chamado difícil para lugares questionáveis ou igrejas-problema; mas será um exemplo dos fiéis e, contagiando a outros, levará a maioria da igreja a ser ganhadora de almas. Ensinará o povo a trabalhar por outros, animá-lo-á e o contagiará com o espírito de Cristo — sua verdadeira missão e objetivo.

Para ensinar seus irmãos a trabalharem, e alcançar os membros e neófitos com o amor de Deus, precisa ele mesmo amar, amar estas almas às quais quer ajudar e salvar. Amá-las-á indo ao seu encontro, e não esperando que elas venham a ele; visitando-as no tempo bom e no mau tempo. Sejam pobres ou ricas, sãs ou doentes, a todas amará sem distinção. Mostrará seu amor a elas, partilhando dos seus problemas e dores, infortúnios e tristezas; ouvindo-as pacientemente por mais simples que seja o problema, porque, para ele, cada pessoa é alguém aos olhos de Deus e por quem Jesus também morreu. Orará com estas almas e continuará orando até que a paz venha ao coração aflito e ao seu também. Quem sabe, deva até, às vezes, comer sua simples refeição com estas almas famintas de amor, alegrar-se com elas, como Jesus no casamento de Caná, ou chorar por elas, como Ele chorou no túmulo do amigo Lázaro.

Falta de Amor

É pena, pena mesmo, que estas atitudes tão simples, estas pequeninas manifestações de amor, tão valiosas, estejam quase desaparecendo do programa diário de trabalho de muitos ministros. Igrejas estão definhando espiritualmente, porque falta este amor pessoal do ministro e outros dirigentes. A Igreja gostaria que o seu ministro fosse fiel e leal à visão recebi-

da, e que assim demonstrasse amor às almas; que também não se acomodasse ao ambiente de igrejas mornas, mas as avisasse; nem tomasse partido, mas, com amor, procurasse resolver as questões e os problemas pessoais ou coletivos, pois só assim o diabo não poderá introduzir dúvida, depois confusão e, finalmente, separação. A Igreja está faminta de pregações poderosas, vindas da Palavra de Deus; não peças oratórias, ciência humana e sofisticação doutrinária, mas sermões práticos, simples, ilustrativos das lutas da vida, ao ponto, com um chamado, apelo, a cada coração.

Como nos estamos tornando materializados em vários setores de nossa atividade ministerial! Como precisamos de uma reforma e reavivamento da verdadeira piedade entre nós, os ministros! Como precisamos desvencilhar-nos de certos liames que nos prendem à rotina da vida material, para que tenhamos mais tempo para planejar, orar, jejuar e avançar! Quantas pedras está o diabo pondo em nosso caminho para tomar-nos o tempo, desviar-nos e distrair-nos! Como estamos, aparentemente, alheios a certos perigos que enfrentam nossas igrejas! É tempo de gastarmos mais tempo na conservação das almas dentro dos redes, do que com as rotinas de cada dia, ou mesmo planos fantasiosos, cujos resultados não têm sido o previsto; antes que as almas fujam para o mundo pela porta dos fundos. Necessitamos pôr mais amor em todos os nossos planos de salvação de almas, tanto divinos como humanos; e não leis frias e decisões severas.

Quando discutia com minha esposa a responsabilidade de escrever este artigo, ela me pediu: “Diga aos pastores que sejam mais ativos, visitantes dos lares de seus membros de igreja, porque hoje são poucos os que visitam e oram junto com seus irmãos; que estudem, procurem idéias novas, orem bastante para pregar sermões que inspirem, alimentem e levem seus ouvintes à ação; que ponham as comodidades da vida depois das comodidades espirituais; que amem seu trabalho e se dediquem a ele de corpo e alma; e as esposas deles também, visitando os lares com o esposo, tomando parte bem ativa na igreja, sem fazer sombra sobre os outros, trabalhando especialmente pelos jovens e juvenis...”

Bem, eu até que sugeri que ela mesma escrevesse este artigo, e creio que o faria muito bem!

Outra senhora, já faz muitos anos, também deu sua opinião. Mencionou algo que se relaciona com a terceira experiência contagiante que o ministro deve possuir no desempenho da vocação com que foi chamado e da visão que ele deve ter do trabalho confiado. Refiro-me à vivência do ministro, o seu viver cada dia com a família, a igreja, a sociedade e, principalmente, com o seu Deus.

Esta vivência também é santa, porque é espiritual. O ministro vive com Deus cada dia, gosta de ler a Bíblia, de orar e meditar, jejuar de vez em quando e estudar, principalmente a vida do seu Exemplo, Jesus. Ele não se esquece de que é um profissional de Deus, um homem de Deus, chamado por Deus e vocacionado para pastorear e pregar com a mais elevada das visões já concedidas a mortais — salvar almas em Cristo Jesus!

Eis o que disse a senhora Ellen G. White, no seu livro "Atos dos Apóstolos", págs. 328 e 329, sobre a contagiante vivência que deve caracterizar o ministro adventista:

"Hoje os ministros de Cristo deveriam ter o mesmo testemunho que a igreja de Corinto deu dos trabalhos de Paulo. Mas, conquanto neste tempo haja muitos pregadores, há grande escassez de ministros santos e capazes — homens cheios do amor que havia no coração de Cristo. O orgulho, a confiança própria, o amor do mundo, o criticismo, o rancor, a inveja são os frutos que apresentam muitos que professam a religião de Cristo. Suas vidas, em evidente contraste com a vida do Salvador, não raro dão mau testemunho do caráter da obra ministerial sob a qual se converteram.

"Não pode o homem receber maior honra que ser aceito por Deus como hábil ministro do

Evangelho. Mas os que o Senhor abençoa com poder e êxito em Sua obra não se envaidecem. Reconhecem sua inteira dependência dEle, sentindo que não possuem por si mesmos nenhum poder." (Grifo nosso.)

Esta é uma advertência tremenda também para nós hoje. Mas, damos graças ao Senhor que haja muitos ministros fiéis, e leais à visão celestial e cuja vida está contagiando milhares de almas, levando-as a Cristo.

Se lermos um pouco mais adiante, veremos a Sra. White realçando vários pensamentos apresentados acima: "Um verdadeiro ministro", diz ela, "*faz a obra do Mestre...*", não a sua própria. "Reconhece a importância de sua obra... *Trabalha incansavelmente* para conduzir pecadores a uma vida mais nobre e mais elevada... *Exalta a Jesus...*", não a si mesmo ou aos superiores. "Os que o ouvem sabem que ele se tem achegado a Deus em oração fervente e eficaz. O Espírito Santo sobre ele tem repousado, sua alma sentiu o fogo vital e celestial, e está capacitado a comparar as coisas espirituais com as espirituais. É-lhe dado poder para pôr abaixo as fortalezas de Satanás. Apresentando ele o amor de Deus, os corações são quebrantados." — *Idem*, pág. 329. (Grifo nosso.)

São estes corações, quebrantados pelo poder do Evangelho porque você lhes pregou, e estas almas, que se chegaram a Cristo porque você as buscou, a evidência do seu chamado divino, de sua obediência à visão celestial e da sua vocação em Cristo Jesus, de quem você é um homem de Deus!

Pastor Moisés S. Nígrí —
Obreiro Jubilado



Ministério Hospitalar

Eficaz

Visitar pacientes de hospital é um ministério importante. Saber o que fazer e dizer pode tornar as visitas mais proveitosas.

A maioria das enfermidades que você encontrará em suas visitas hospitalares não possuem causas estritamente físicas. O estudo de 500 casos na Clínica Ochsner de Nova Orleans, constatou que setenta e sete por cento das doenças eram psicossomáticas.¹ Salomão expressa isso da seguinte forma: "Como imaginou na sua alma, assim é" (Prov. 23:7).

Muitas vezes é de saúde espiritual que o paciente mais necessita. Uma vez que o temor, a tensão e a ansiedade levam tantas pessoas a ficarem doentes, ajudar essas pessoas a lidarem com tais enfermidades facilita-lhes a recuperação. E é aqui que você, pastor, entra. Quando visita o paciente de hospital, você é a parte mais importante da equipe de saúde. Como realizará você este trabalho de recuperação?

Sua visita é importante

Saiba a importância da visita hospitalar. Trabalhar com e pelos seres humanos é a maior obra do mundo. Quando vai ao hospital ver o paciente em nome daquele que disse: "Adoeci, e visitastes-me" (S. Mat. 25:36), está você seguindo os passos de Jesus, que passou mais tempo cuidando de enfermos, do que ensinando e pregando.

Os membros de sua igreja esquecerão quase tudo o que você tiver feito, menos deixar de visitá-los quando estão doentes. Nos primeiros dias de meu ministério, um garotinho de minha igreja foi para o hospital na noite anterior, para submeter-se a uma operação de amígdalas. Ele ficou grandemente desapontado porque seu pastor não foi visitá-lo no hospital. Naturalmente, deixei de ir, não porque não soubesse que

ele ali estava. Mas tive que dar alguma explicação rápida e pacificar.

Em geral, os membros de sua igreja telefonarão para informá-lo de que alguém está doente, mas muitas vezes eles precisam ser lembrados de que o pastor não vê tudo nem é onisciente. Especialmente quando assumir responsabilidades em uma nova igreja, é bom pedir aos membros que o informem quando alguém está doente.

Lembre-se de que o indivíduo ainda é importante. Numa época em que damos realce ao ministério para as massas, não devemos esquecer-nos do indivíduo. No hospital, você tem o auditório de uma só alma. Muitas vezes é aí que você pode realizar seu melhor trabalho espiritual. Muito da obra do Mestre era destinado ao auditório de uma só alma — Nicodemos, a mulher samaritana junto ao poço, a mulher sirofenícia, Zaqueu e muitos outros. Muitos de Seus ensinamentos e de Suas parábolas, diziam respeito a uma só pessoa — a ovelha perdida, a moeda perdida, o filho pródigo.

Fazer visitas eficientes

Veja qual a melhor ocasião para visitar. Conheci um jovem pastor que fazia uma visita hospitalar de rotina às 11 horas da noite. Outro fazia tal visita às 10 horas. Custa crer que um pastor possa ser tão sem consideração para com um paciente. Visitar o doente deveria ocupar o primeiro lugar no trabalho do pastor, não o último. Os pacientes necessitam de repouso à noite. Deixe as visitas tarde da noite apenas para casos de emergência.

Geralmente entre 10 horas da manhã e meio-dia é a melhor ocasião para se fazer visitas de

hospital. Por esse tempo, o paciente já se alimentou, tomou banho e recebeu visita médica. Evitando as horas costumeiras de visitação, você poderá visitar o paciente de forma mais reservada e conversar mais confidencialmente. No caso de pacientes do sexo feminino em enfermarias, você pode, naturalmente, precisar ficar para as horas de visitação regulares. Evite visitar na hora da refeição. Os pacientes muitas vezes se sentem mal em comer à vontade em sua presença, quando você não pode comer também.

A visita ao hospital não deveria normalmente tomar mais do que dez minutos. Ocasionalmente, um membro poderá ter algum assunto espiritual ou um problema que tome mais tempo. Se o paciente estiver gravemente enfermo, você poderá precisar ficar mais tempo, fortalecendo e animando a família por meio de suas orações e sua presença. Em uma visita hospitalar que fiz vários anos atrás, um paciente jovem havia piorado repentinamente. Naquele dia permaneci por três horas, orando em favor do paciente e fazendo esforços para confortar a família, até que a crise passasse e o jovem estivesse fora de perigo.

Uma boa hora para visitar pacientes submetidos a cirurgia é à noite, antes da operação. Procure estar ali durante o tempo regular de visitação e depois, de maneira que você possa conversar em particular com o paciente. O problema com a visita na manhã da cirurgia é que o paciente muitas vezes já tomou sua injeção pré-operatória e está tonto antes de você chegar.

Muitas vezes o paciente não dorme bem na noite anterior à cirurgia. A confirmação do pastor de que Deus estará presente na sala de operação, pode ser uma grande ajuda. Um texto bíblico como Josué 1:9 ou Isaías 41:10, pode trazer conforto.

Informe-se quando faz visita. Conheça a natureza da doença do paciente antes de entrar no quarto, quer através da família, quer do médico. Sua visita a alguém que esteja com uma doença que corra menos perigo, diferirá, certamente, da visita a um paciente que esteja com câncer terminal.

Entre na sala das enfermeiras e diga à enfermeira-chefe que você gostaria de ver a Sra. Souza ou o Sr. Antônio. Se a porta do paciente estiver fechada, deve existir um motivo; pergun-

te então à enfermeira se o paciente está ocupado. Nunca abra a porta e entre sem bater. Pode levar a situações embaraçosas. Se houver na porta um aviso: "Proibido Visita", em geral não se refere ao pastor, mas é bom confirmar com a enfermeira.

Disposição

Seja agradável. Aproxime-se do paciente com um sorriso e um cumprimento. Não seja taciturno nem procure ser efusivo demais. O paciente leva a sério sua enfermidade, e você deve fazê-lo também. Talvez você deva dizer: "Espero que tenha uma boa noite"; ou, "Espero que durma bem".

Um sorriso e um cumprimento podem fazer muito. Como disse um autor, "a coisa mais profissional que algum clérigo pode fazer é ser o melhor que pode".²

Tenha uma atitude positiva. Fale em termos de saúde. Um escritor declara: "O capelão deve ser o anunciador de vida, não de morte... Um dos primeiros deveres do capelão é espalhar em torno do leito do paciente um espírito de felicidade, de alegria mediante a fé."³ Outro escreve: "Que o realce do pastor recaia sobre a saúde em lugar de o fazer sobre a doença. Seja qual for a razão, a maioria dos pacientes se recuperam. Em resumo, pense na doença como um inimigo que deve ser combatido e vencido."⁴

Traga apenas boas novas para o paciente. Não fale sobre outros casos de doenças, a não ser para dizer quão bem a pessoa se recuperou. Uma senhora idosa de uma igreja na qual fui pastor vários anos atrás, foi fazer uma operação no hospital. Justamente antes da cirurgia, alguém lhe falou a respeito de uma operação fatal de amígdalas. Não é preciso dizer, essa espécie de comportamento pode levar a pessoa a ficar bastante preocupada e mesmo alarmada.

Quando entrar no quarto, não estenda a mão para o paciente, a menos que este lhe dê a mão primeiro. Fique em pé ou se assente a fim de que o doente possa vê-lo facilmente. Do contrário, ele se sentirá desconfortável.

Vista-se moderadamente e com bom gosto. Em geral não uso roupas pretas para ir fazer visitas ao hospital. Uso algo mais leve, mais alegre e mais apropriado. Alguns pacientes temem ao ver o pastor aproximar-se, porque sua som-

bria figura os faz pensar no administrador dos funerais e no dia do juízo.

Nunca comente o caso de um paciente em estado de inconsciência na presença deste. Ele pode estar capacitado a ouvir, mas não a responder. Uma senhora contou-me que estava tão doente que ninguém acreditava na sua recuperação. Os médicos lhe haviam dado alta para que ela morresse. Sua família e outras pessoas ficavam à beira da cama, comentando esses fatos. "Eu ouvia tudo o que eles diziam", disse ela depois de recuperada, "mas não podia responder."

Fale sempre bem do médico do paciente. Caso o paciente deva recuperar-se satisfatoriamente, é preciso que tenha fé em seu médico. Sua confiança é tão importante quanto a medicação. Isto pode ser tranquilizador em especial para a pessoa que vai submeter-se a cirurgia. Os pastores nunca deveriam meter-se em coisas médicas. Nunca sugira uma mudança de médico ou de medicação. Atenha-se às coisas espirituais.

Seja bondoso e cortês. Pergunte ao paciente se há alguma coisa que você possa fazer por ele. Fazer um favor aparentemente pequeno pode significar muito para o paciente. Alguns pacientes poderão desejar que você traga um livro, uma revista ou algum outro objeto. Vários me têm pedido para telefonar em lugar deles. Um deles queria uma garrafa de bebida à base de gengibre. Antes de atender um pedido de alimento ou bebida, consulte a enfermeira, para saber se é possível.

Seja um bom ouvinte. "Os grandes líderes religiosos de todos os tempos têm sido aqueles que ouvem, por um lado, a voz de Deus e, por outro, a voz do povo."⁵ A atenção do pastor serve para duas importantes finalidades: ajuda o paciente a expressar-se e ajuda o pastor a entender. Ouvindo atentamente, você pode descobrir se o paciente está com medo.

Muitos pacientes têm sentimentos de culpa. Alguns podem achar que estão sendo punidos por alguma coisa que fizeram. Uma senhora tivera um problema moral com um jovem, quando tinha treze anos de idade. Agora temia que fosse morrer e que Deus não a aceitasse. Tais pessoas necessitam da certeza de que Deus as ama e lhes perdoa, e de que não estão sendo punidas.

Use todos os meios de ajuda ao seu alcance.

Um dos maiores meios de conforto e de cura é a leitura da Palavra de Deus. A condição e experiência espiritual do médico do paciente, bem como a conversação e a disposição de ânimo durante a visita, determinarão a escolha do texto bíblico a ser usado. É melhor usar uma passagem de um a seis versos, que contenham um pensamento que você gostaria que a pessoa retivesse após deixá-la. Você poderá querer deixar um livrete de promessas bíblicas no qual você marcou a passagem que leu.

Em *The Art of Ministering to the Sick*, Cabot e Dicks nos lembram de que "A oração é o maior método individual do pastor ao trabalhar com o doente".⁶ Surge muitas vezes a pergunta: Devo orar com cada paciente? Provavelmente, não. Mas se o paciente for membro de sua igreja, quase sempre você quererá orar com ele. Com outros, seu relacionamento, as sensibilidades deles e a presença ou ausência de visitantes influenciarão todas as suas decisões.



Na maioria dos casos, um ou dois minutos de oração são suficientes. Ore em voz suficientemente alta para que o paciente possa ouvir, mas suave o suficiente para que nem todos ouçam. Se há outros pacientes no quarto, estes muitas vezes apreciam ser incluídos na oração.

Assim que termine a oração, o pastor deve sair tão rápido e reverentemente quanto possível. Dê certeza ao paciente de que você continuará a orar em seu favor (e certifique-se de que o fará), e de que você logo voltará a vê-lo.

Na visita ao hospital você está seguindo os passos do Salvador. Você receberá grande apreciação da pessoa visitada, e um dia receberá o louvor do Salvador: "Bem está, servo bom e fiel... entra no gozo do teu senhor" (S. Mat. 25:21).

1. Citado por John A. Schindler, "Your Mind Can Keep You Healthy", *Readers Digest*, dezembro de 1949, pág. 51.

2. Edmond Holt Babbitt, *The Pastor's Pocket Manual* (Nashville: Abingdon Press, 1949), pág. 16.

3. J. Bennett Roe, *Doctor and Chaplain*, pág. 7.

4. Andrew Blackwood, *Pastoral Work* (Filadélfia: The Westminster Press, 1945), pág. 103.

5. Richard C. Cabot and Russell L. Dicks, *The Art of Ministering to the Sick* (New York: The Macmillan Company, 1946), pág. 189.

6. *Ibidem*.

E. Harold Roy — Ex-capelão de hospital e atual pastor de igreja em Ohio, Estados Unidos

Enxertando no Ramo Natural

Edificando sobre aquilo que temos em comum com os judeus, você e seus membros podem dar testemunho a eles de maneira mais eficaz.

Se alguma igreja em todo o mundo deveria encher-se de judeus no sábado, esta é a igreja adventista do sétimo dia. A mensagem de saúde, o santuário, o sábado e nossa escatologia exclusiva, colocam-nos em grande ligação com o povo judeu. Na verdade, se alguma mensagem no mundo deve apelar aos judeus, esta é a nossa.

Infelizmente, no sábado, pode-se encontrar judeus nas sinagogas, na praia, no trabalho, em congregações messiânicas e em quase todos os outros lugares que se possa imaginar, menos nas igrejas adventistas. Por quê?

O problema não é a nossa mensagem, mas a maneira em que é apresentada. Muitas pessoas não têm nenhuma idéia de que é necessária uma aproximação diferente para alcançar nos-

sos amigos judeus. Pastores, é de especial importância conhecer os princípios básicos ao trabalhades em favor dos judeus, de maneira que possais partilhá-los com vossos membros, os quais muitas vezes conhecem o povo judeu mas estão sem saber como alcançá-los.

Não levaria muito tempo para que soubésseis quão sensível pode ser uma pessoa judia ao cristianismo. E não é de admirar. Os judeus sofreram perseguições intermináveis em nome de Cristo. Milhares e milhares foram mortos, torturados, eliminados e perseguidos pela igreja. Eles sofreram atrocidade após atrocidade dos "cristãos". Nas palestras que faço por todo o país, sobre como testemunhar aos judeus, gasto a primeira meia hora ouvindo a igreja — inspirou a perseguição dos judeus na Polônia,

Hungria, Espanha, Portugal, Itália, Alemanha, Rússia, França, Inglaterra e muitos outros lugares. A lista não termina. Muitos de nós não estão a par de tudo o que aconteceu — mas os judeus estão, e por isso são cépticos quanto à religião que lhes trouxe tanto sofrimento. Imaginai como vos sentiríeis se alguém procurasse convencer-vos a vos unir a um grupo que por séculos veio assassinando vossos antepassados.

Por causa de sua experiência histórica, deveis usar de tato e sensibilidade especiais. O judeu com o qual estais conversando, com toda probabilidade sente algum ressentimento contra essas perseguições. Mostrai simpatia pelo que aconteceu. O mais importante, porém, é que eles observem que sois pessoas diferentes, que sois um tipo diferente de *goy*, e que se todos os cristãos da história fossem como vós e vossa igreja, então os judeus teriam sido tratados com amor e bondade, em lugar de odiados e incomodados. Durante anos, minha maior desculpa contra o cristianismo foi: “Os cristãos nos têm matado.” Contudo, quando encontrei alguns cristãos maravilhosos que espelhavam o bondoso e amável caráter de Cristo, compreendi que aquelas pessoas jamais fariam mal a um judeu. Num instante, a desculpa que eu estivera usando durante anos, tornou-se vaga. Num curto espaço de tempo, um cristão amoroso e desprendido pode desfazer 15 séculos de ódio.

Outro ponto, talvez o mais crucial, é que jamais os judeus pretenderam renunciar sua identidade judaica. Deveis explicar-lhes que, ao aceitarem a Jesus, eles estão realçando sua identidade. Estão-se tornando judeus “completos”. Evitai declarações como esta: “Conheci alguém que era judeu, mas agora é adventista.”

Não iniciéis um assunto religioso; vosso amigo judeu pensará automaticamente que estais querendo convertê-lo. Sede cuidadosos especialmente se sua família ou amigos estiverem presentes. Vosso contato pode ser por interesse, mas não permitais que ninguém saiba. Se surgir o assunto de religião, sede humildes, escutai seus pontos de vista, mas não argumenteis. Se for comentado o assunto sobre Jesus, evitai declarações enfáticas como “Jesus de Nazaré é o Messias”, ou “O Messias já veio”. Em lugar disso, dizei que a oração, a experiência e o estudo vos levaram a crer que Jesus de Nazaré cumpre as profecias hebraicas concernen-

tes ao Messias.

Certas palavras têm conotações negativas para os judeus, e devem ser evitadas. Jamais useis a palavra *converter*. Milhares de judeus morreram por que se recusaram a converter-se. Para um judeu, converter-se significa não mais ser judeu. Em lugar dessa palavra, usai expressões como uma “nova vida” ou “mudança de coração”. Em vez de *Cristo*, usai o Messias, ou Josué (nome de Cristo em hebraico). Ao invés de *batismo*, dizei *imersão*; em lugar de igreja, dizei *congregação*; dizei *redimido*, em lugar de *salvo*; por *Antigo Testamento*, dizei *Escrituras Hebraicas*. Depois de lhes terdes conquistado a confiança e terdes falado de religião com eles, podeis gradativamente introduzir estas palavras (mas nunca a palavra converter-se).

Jamais critiqueis Israel ou seus dirigentes. Se não tiverdes simpatia por Israel, não digais nada. Se fordes favoráveis, dizei-o, e isto ajudará a estabelecer um elo de ligação. Para muitos judeus, seu único vínculo com o judaísmo é Israel, de maneira que devemos evitar criticar a nação. Muitos judeus vêem o anti-sionismo como uma moderna manifestação do anti-semitismo, e se vosso amigo judeu suspeitar que sois anti-semitas, só reforçareis sua noção quanto à hostilidade dos cristãos para com os judeus.

Dizei que vos considerais um “judeu espiritual”. Explicai que comeis somente alimentos limpos e sois guardadores do sábado. A menos que vosso amigo seja religioso, ele poderá dizer algo mais ou menos assim: “Sois melhores judeus do que eu.”

É sempre melhor falar de menos do que demais. Se desejais dizer alguma coisa, mas não tendes certeza, não digais. Os judeus são muito sensíveis e as palavras incorretas podem levá-los a escapar para sempre. Não vos apresseis também em dar-lhes os escritos de Ellen White. Estes contêm certas frases e comentários que vossos amigos judeus podem entender totalmente ao contrário e se prejudicar. Esperai até que eles tenham tido uma experiência com Jesus, e depois podeis oferecer-lhes *Conselhos Sobre o Regime Alimentar* ou *Educação*. Não vos apresseis, em vosso bem-intencionado zelo, e lhes deis *Patriarcas e Profetas* ou *O Desejado de Todas as Nações*.

O melhor meio de aproximação

Inquestionavelmente, o melhor meio de apro-

ximação é a mensagem de saúde. Os judeus podem rejeitar tudo aquilo em que acreditais, relacionado com a Bíblia, a religião, o Messias e tudo o que se refere aos cristãos. Podem sequer interessar-se. Mas se interessarão por saúde. Muitos judeus tiveram o primeiro contato com os adventistas, não por meio de seminários do Apocalipse ou séries de conferências, mas através de algum programa de saúde. A maioria dos judeus que hoje estão na igreja adventista, são o resultado de um contato sobre saúde (meu primeiro contato com adventistas, deu-se numa loja de produtos de alimentos para a saúde). Escolas de arte culinária, clínicas sobre como deixar de fumar, seminários sobre estresse e assim por diante, são maneiras excelentes de se fazer contato com eles e conquistar-lhes a confiança. Eles poderão não receber nenhuma literatura de cunho religioso que quiserdes oferecer-lhes, mas aceitarão material sobre saúde (certifique-se de que não há nele estampada uma cruz ou o nome de Jesus).

Se vosso amigo revelar algum interesse pelo estudo da Bíblia, o livro de Daniel deveria ocupar um lugar privilegiado para começar. Estudaí com ele as profecias de Daniel 7, e deixai que a Bíblia o advirta contra um poder religioso apóstata que deve fazer “guerra contra os santos”. Não deixeis de dizer que entre aqueles santos estão judeus piedosos. Essas profecias foram a primeira coisa que estudei na Bíblia, e a compreensão de que foi o cristianismo apóstata o perseguidor, ajudou-me a pôr as perseguições passadas na devida perspectiva. Podereis acrescentar: “Por que, mesmo os escritos cristãos falam sobre esse poder?” e levá-los para Apocalipse 12-14.

Os judeus são extremamente sensíveis ao anti-semitismo. Eles estão receosos especialmente do que está acontecendo com a Nova Direita Cristã na América. Como adventistas, temos uma compreensão exclusiva sobre aonde tudo isto pode levar. Explicai-lhes a respeito do sinal da besta e do surgimento da intolerância neste país. Os judeus não têm nenhuma dificuldade em crer que a igreja trará a perseguição. Contudo, ao explicardes estas profecias, cuidai para que vosso amigo fique esperançoso. Esperança é o que nós temos! Eles não têm nenhuma. Mostrai-lhes as certezas que temos através de Deus, a despeito dos perigos iminentes que todos enfrentamos.

Se vosso amigo desejar estudar sobre Jesus, conduzi-o às profecias do Antigo Testamento. De maneira fascinante, os antigos rabis aplicavam ao Messias quase todas as passagens que os cristãos crêem que são messiânicas. Por exemplo, o Talmud (Sinédrio 98b) considera Isaías 53 como uma profecia messiânica!

Fazei uma assinatura de *Shabbat Shalom*, uma revista destinada a apresentar os princípios judaicos de nossa mensagem de maneira inofensiva. Os próprios adventistas podem beneficiar-se também com essa revista; eles podem ver na revista a maneira de aproximar-se que usamos, e aplicá-la, ao trabalharem em favor de seus amigos judeus.

É também importante ensinar estes princípios a todos os vossos membros de igreja, caso haja judeus visitando vossa igreja. Uma palavra imprópria, usada por um membro zeloso, pode fazer com que vosso contato seja interrompido. O membro de uma igreja local disse-me certa vez, sem nenhuma maldade: “Fico muito triste pelo que vocês judeus sofreram, mas vocês trouxeram tudo sobre vocês mesmos.” É evidente que nosso povo necessita de algum treinamento.

A chave, na conquista de almas judaicas, consiste em não ofendê-los. Podeis conhecer suas sensibilidades, aprender a evitar ofendê-los; depois, eles podem ser levados a gostar de todas as outras coisas. Isto requer mais tempo, mais paciência, mais oração e, o mais importante — mais amor abnegado.

Ellen White fala de muitas promessas relacionadas com o trabalho em favor dos judeus. Diz, por exemplo: “Chegou o tempo em que se deve levar luz aos judeus. O Senhor deseja que incentivemos e mantenhamos homens que trabalhem em linhas retas em favor desse povo; pois haverá uma multidão de pessoas convencidas pela verdade, que tomará posição ao lado de Deus. Virá o tempo em que muitos se converterão (evitai esta palavra!) em um dia, como aconteceu no dia de Pentecostes, depois que os discípulos receberam o Espírito Santo.”¹ Ela diz também que os judeus que tiverem aceito a mensagem “proclamarão a imutabilidade da lei de Deus com magnífico poder”.²

Em torno de que girou a rebelião original no Céu? A lei de Deus. Em torno de que se centralizará o clímax dos séculos? Da lei de Deus. Imaginai o impacto que causarão todos estes

judeus proclamando a lei de Deus com “magnífico poder”. Não admira que ela tenha escrito que “os judeus devem desempenhar uma parte importante no grande preparo que deve ser feito no futuro para receber a Cristo, nosso Príncipe”.³ Não é de admirar, também, que Satanás não queira ver os judeus se unirem a esta igreja.

Foi-nos confiado um mandato. “Primeiro ao judeu, depois o gentio”. Deveria haver na igreja uma centena de judeus, onde há apenas um.

Necessitamos, com fé, realizar esta importante obra. Não demorará muito, grande número de judeus estará onde devem estar — engrossando as fileiras de nossas igrejas, no sábado.

1. Ellen G. White, *Review and Herald*, 29 de junho de 1905, pág. 146

2. Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 579.

3. *Ibidem*.

Clifford Goldstein — Editor do jornal *Shabbat Shalom*

Fumo: A Ameaça que se Espalha

Em 1981, 2,1 por cento da população do Brasil era diretamente sustentada por atividades relacionadas com fumo. Os impostos decorrentes da venda de cigarros forneciam 11,6 por cento do total dos impostos do país. A Organização Mundial de Saúde estima que 22.500 mortes por doenças cardiovasculares e 18.000 mortes por câncer cada ano no Brasil, são causadas pela fumaça de cigarro.¹

Numa família de poucos recursos, o hábito de fumar pode contribuir para empobrecer a nutrição e tornar inadequado o cuidado da criança. Num subúrbio de São Paulo, as despesas com cigarros chegam em média a 9,8 por cento do orçamento da família, comparadas com 5,8 por cento dos gastos com transporte e 8,3 por cento com leite.²

O aumento da popularidade do cigarro no Brasil e em muitos países do Terceiro Mundo, reflete o êxito dos esforços das companhias americanas e européias de cigarro no sentido de diversificar seu mercado. Em 1983 Joseph Cullman III, diretor da Companhia Phillip Morris, disse à Tobacco Merchants Association: “Cedo verificamos que nosso comércio é global e estabelecemos mercados em todo o mundo.

Nosso futuro é brilhante, em especial em áreas em desenvolvimento, onde a renda e as populações estão em crescimento.”

O incentivo para este movimento em áreas subdesenvolvidas vem em parte da diminuição da popularidade do cigarro nos Estados Unidos e em alguns países da Europa Ocidental. Dos quarenta e três por cento dos fumantes dos Estados Unidos em 1970, apenas 30 por cento fumam agora, segundo indicam pesquisas recentes. O hábito de fumar ainda prevalece entre as adolescentes americanas, mas de uma forma geral este hábito está em declínio.

O aumento entre as jovens deve constituir assunto de profundo interesse, pois as pesquisas mostram que as mulheres têm muito mais dificuldade de abandonar o vício de fumar do que os homens, e nos últimos anos o câncer do pulmão ultrapassou o câncer do seio — o câncer fatal mais comum entre as mulheres.

O Ministro da Saúde C. Everett Koop pôs a influência de seu cargo à disposição do movimento antitabagista, mas o governo fala em linguagem dúbia sobre o assunto, porque ainda estão sendo utilizados impostos para subsidiar a produção e a exportação de fumo.

Aumento no Terceiro Mundo

Em muitos países do Terceiro Mundo, pouco ou nada está sendo feito para refrear o uso do fumo. Em lugar disso, alguns governos na verdade o incentivam. As companhias de cigarros não dão nenhuma explicação para sua presa em se infiltrar nos países subdesenvolvidos. Na verdade, elas muitas vezes trabalham juntamente com os governos no desenvolvimento de projetos que são vistos como mutualidades benéficas. É difícil aos governos dos países pobres resistirem à tentação de cooperar com as indústrias de fumo que prometem uma rápida aplicação de capital para o desenvolvimento da indústria e da agricultura.

As indústrias fumageiras são, muitas vezes, controladas e administradas pelo governo, significando impostos, bem como rendimentos locais. Os sistemas que cuidam da saúde, em muitos países estão ainda voltados para as doenças infecciosas e a desnutrição, e ainda não sentiram o impacto das enfermidades relacionadas com o fumo.

A nível local, os fazendeiros típicos recebem de duas a cinco vezes mais proventos advindos do cultivo do fumo, do que o fazem de outros tipos de ganhos. Como resultado, eles plantam fumo em suas melhores terras, o que leva à diminuição da produção de alimentos. As empresas de fumo procuram evitar esta crítica, incentivando a contínua produção de alimentos vegetais, mas o desvio de recursos para a produção de fumo é um problema sério. O desflorestamento, em algumas regiões, tem-se acelerado, por causa dos fazendeiros que procuram madeira para curar o fumo.

A popularidade do fumo

Em muitas sociedades desenvolvidas, as pessoas ainda consideram o hábito de fumar como parte da cultura ocidental, digna de emulação. Após a Quarta Conferência sobre o Fumo e a Saúde em Estocolmo, Suécia, em 1979, uma nota interna do executivo de uma companhia de cigarros, baseava-se na importância da aceitabilidade social como um assunto-chave no Terceiro Mundo. Referindo-se ao diretor geral da Organização Mundial de Saúde, que é conhecido como uma voz poderosa contra o fumo, o executivo salientou que "apontava o papel central da questão da aceitabilidade social. Nesse

campo, nada há de novo para nós. Isto era precisamente a confirmação de nossa própria análise de que a questão da aceitabilidade social será o campo de batalha central sobre o qual estará perdido ou ganho nosso caso na longa corrida."³

Revistas ocidentais como *Time* e *Newsweek*, trazem estampadas grandes propagandas de cigarros. Os esforços dos anunciantes são dirigidos para os grupos móveis em ascensão em cada país, e consideram a aparência do hábito de fumar como uma parte necessária no degrau da escada social. A propaganda exerce um poderoso impacto nos países que não foram ainda imunizados com o peso da informação. Muitas pessoas ainda têm a tendência de crer em qualquer coisa que é publicada ou anunciada.

Na África e no subcontinente Asiático o sistema de comercialização e distribuição de fumo é verdadeiramente terrível. Os cigarros são conseguidos com facilidade em virtualmente cada casa comercial na Índia. O sistema de distribuição tabagístico é muito melhor do que a maioria dos programas de distribuição de alimentos.

Pelo fato de as doenças relacionadas com o hábito de fumar levarem muito tempo para aparecer, poucas pessoas que vivem nos locais onde esse hábito está agora adquirindo popularidade viram já alguém gravemente enfermo de câncer do pulmão, enfisema ou doenças cardíacas. A despeito, porém, de sua ignorância, o vício de fumar já está cobrando um pesado tributo em sua sociedade. Morrem em todo o mundo mais de dois milhões de fumantes por ano, de enfermidades cardíacas, câncer do pulmão e enfisema.⁴

"Teme-se agora que a exposição involuntária à fumaça do cigarro, cause mais mortes por câncer do que qualquer outro tipo de poluente.⁵ Esposas não fumantes, de maridos que fumam, têm de duas a três vezes a incidência normal de várias doenças relacionadas com o hábito de fumar, entre as quais câncer do pulmão. Crianças que vivem em lares nos quais um dos pais ou ambos fumam, têm mais infecções das vias respiratórias superiores e perdem mais dias letivos por enfermidades. E talvez o fumante involuntário mais tragicamente prejudicado seja a criança antes do nascimento. Tendo a nicotina a restringir-lhes o fluxo do sangue e o monóxido de carbono a tornar inativos os gló-

bulos vermelhos do sangue, essas vítimas nascem menor e têm maior probabilidade de contrair doenças.

Devem as igrejas envolver-se?

Deveriam os pastores e suas igrejas preocupar-se com o consumo de fumo? Alguns argumentam que a decisão de fumar ou não fumar é uma opção particular e individual na qual a igreja não deveria interferir. Como, porém, podemos assumir uma posição dessa espécie, à luz dos efeitos adversos que o hábito de fumar exerce sobre os não fumantes? Como podem pastores dos Estados Unidos continuar a sustentar, por meio de seu consumo pessoal de fumo, as empresas que estão espalhando o veneno do fumo a multidões incautas por todo o mundo?

Não é tempo de os cristãos se levantarem contra este veneno insidioso que esbulha tantas das nossas sociedades?

Na Austrália, alguns clérigos já se uniram a médicos, professores e outros elementos para formarem uma organização denominada BUGA-UP (*Billboard Utilizing Graffitiists Against Unhealthy Promotions*). Seus membros usam latas de tinta com *spray* para “repintar” com sátiras as propagandas de cigarros, mostrando as grandes ironias das sociedades livres ao permitirem que produtos que levam à morte sejam promovidos publicamente. Embora esses ativistas sejam ocasionalmente presos, as multas têm sido pequenas, e os advogados do BUGA-UP têm resolvido a acusação legal de “dano maldoso” (a definição da qual envolve “indiferença para com a vida humana e sofrimento”) ao sugerirem que os anúncios não têm sido prejudiciais mas construtivos. Eles dizem que as atividades do BUGA-UP são semelhantes a invadir uma casa incendiada para salvar uma criança — o ato ilegal é praticado para impedir um mal maior.

Conquanto a desobediência civil não seja a resposta ao problema, há maneiras pelas quais pode a igreja dificultar legalmente as empresas que lidam com fumo. A mais óbvia é, naturalmente, todos os membros simplesmente deixarem de usar seus produtos. Os resultados de pesquisas mais recentes indicam que 69 por cento dos americanos pertencem a alguma igreja.⁶ Se todos os membros de igreja de um momento para o outro deixassem de fumar, as perdas de receita impediriam, se não paralisariam

a produção de fumo neste país.

Se todas as igrejas se responsabilizassem por campanhas contra o fumo, isto ajudaria a levar longe a discussão a respeito dos efeitos prejudiciais do fumo. Calcula-se que entre 25 e 50 por cento da população dos Estados Unidos ignoram os perigos inerentes ao uso do fumo. A questão é ainda mais grave em outras partes do mundo. As igrejas poderiam produzir um concorrente eficaz à influência do mercado das companhias de cigarros.

Faz mais de 25 anos que a Igreja Adventista do Sétimo Dia vem patrocinando programas sobre como deixar de fumar. Milhões de pessoas (principalmente de outras denominações e sem igreja) abandonaram o hábito de fumar em planos Como Deixar de Fumar em Cinco Dias. Este programa recebeu outro nome recentemente. Ele é chamado de programa *Respire Livremente*. As igrejas e os hospitais adventistas vêm patrocinando um ou mais desses programas cada ano. As outras igrejas deveriam envolver-se em programas semelhantes, ou incentivar seus membros fumantes a assistirem a programas *Respire Livremente*.

O consumo de fumo não é um problema que se resolverá por si mesmo. Não podemos mais ignorar-lhe o impacto danoso. Não podemos resignar-nos, enquanto o mundo faz das companhias de cigarro a galinha dos ovos de ouro.

Ajudando as Pessoas a Deixarem o Hábito

Alguns fumantes são capazes de abandonar o hábito apenas pelo exercício da vontade. Outros recebem auxílio por meio de um programa estruturado ou apoio de grupo. Os que estiverem interessados em participar de um programa sobre como deixar de fumar podem entrar em contato com uma igreja adventista local ou um hospital e perguntar quando será realizado o próximo programa Como Deixar de Fumar em Cinco Dias ou um programa *Respire Livremente* (*Nota da Redação*: Ainda não temos este último tipo de programa aqui no Brasil). Alguns escritórios locais da Sociedade Americana do Câncer também patrocinam programa sobre deixar de fumar.

No Brasil, principalmente em São Paulo, temos várias Escolas de Recuperação de Alcoólatras e Fumantes. Essas escolas podem fornecer o material apropriado ao tratamento das pessoas viciadas no uso do álcool e do fumo.

1. F. L. Lokschin and F. C. Barros; "Smoking on Health: The Brazilian Option", *New York Journal of Medicine*, vol. 83, nº 13, dezem. 1983, pág. 1.314.

2. Silveira Lima et al, "Implicações médicas e sócio-econômicas do tabagismo em famílias de baixa renda em São Paulo" *J. Pediat (Rio)*, vol. 52, págs. 325-328.

3. The Social Acceptability Issue Will Be the Battleground", *New York Journal of Medicine*, vol. 83, nº 13, dezem. 1983, pág. 1.323.

4. William U. Chandler, "Banishing Tobacco", *The Futurist*, maio e junho 1986, págs. 9-15.

5. *Idem*, pág. 10.

6. *Emerging Trends*, junho de 1987.

Dr. Richard H. Hart — Diretor do Centro de Promoção Sanitária do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade de Loma Linda

A Esposa do Pastor Deprimido

Quando seu marido ministro sofre grave depressão, como pode você ajudá-Lo?

“Os cristãos — especialmente ministros — jamais deveriam ficar deprimidos.”

Mesmo que não aceitemos esta falácia, os ministros e suas esposas podem acreditar que ser servos de Deus e possuir o Seu Espírito Santo deveria torná-los imunes. Quando vem a depressão, eles se sentem culpados, temerosos e mesmo em pânico.

Na experiência da minha família, com a depressão, descobri que “em todas as coisas (mesmo na depressão), Deus opera para o bem daqueles que O amam” (Rom. 8:28, NIV). Para nós, tudo começou no Dia de Ações de Graça...

As calorosas boas-vindas do professor do seminário e o aroma das flores envolviam-nos, quando ele abriu a porta de sua casa. Em meio à pressa de ajudar meus quatro filhos pequenos a tirarem seus casacos e botas, ele disse: “Logo no começo, quando você telefonou, esqueci de perguntar-lhe por que João não vinha. Ele precisou trabalhar?”

— Não, ele está no hospital — respondi. Dian-

te de seu olhar perplexo, expliquei mais adiante: — Pensei que você soubesse: João teve que submeter-se a uma apendicotomia de emergência. O médico vai telefonar para mim após a operação.

A solidariedade brotou livremente, com a certeza de que um moço saudável como João se restabeleceria rapidamente.

Quando as aulas recomeçaram na terça-feira seguinte, meu marido, andando com cuidado, assentou-se em lugar costumeiro na sala de aulas. Poderia ter permanecido afastado de seu trabalho de meio período por alguns dias, mas ele não suportava faltar à escola. Ele estava competindo com alguém do segundo ano. Depois de ter viajado cerca de três mil quilômetros para ir ao seminário, ele tinha que fazer bonito!

Começa a depressão

Ao esforçar-se tão intensamente, ele se dispôs à depressão, e esta veio com rapidez alarmante. Dentro de três semanas ele deu en-

trada no hospital, pondo um fim a seus estudos de seminário. Seguiu-se então uma frustração que lhe abalou a saúde mental, envolvendo dois períodos de hospitalização no próximo ano e meio.

Quando se recuperou, João começou a reconhecer que, a despeito de seus problemas emocionais, "os dons de Deus e Seu chamado são irrevogáveis" (Rom. 11:29). Uma pequena igreja o chamou para ser seu pastor, e nossa família de seis pessoas foi residir na casa pastoral. Depois de aproximadamente quatro anos ali, ele aceitou um chamado para outra igreja.

Após um ano naquele distrito, meu marido precisou de cirurgia especial duas vezes em dez dias. Em poucos dias, ele procurou retomar suas atividades pastorais.

A fraqueza física e o abatimento pós-operatório são razoáveis e devem ser aguardados, mas ele os via como fracasso. Uma vez mais, experimentou aquele desânimo que leva à depressão. Seguiu-se outra hospitalização de vários meses, durante os quais ele se afastou da igreja. Estava convencido de que Deus jamais poderia usá-lo de novo no ministério.

A depressão em servos de Deus não constitui nada de novo. Moisés, Jô, Jonas, Elias, Davi e Saul todos a experimentaram. Os Salmos são fartos em referências à depressão.

Quando lê a respeito dos gigantes espirituais da fé, você percebe que muitos deles, entre os quais Martinho Lutero e João Wesley, lutaram com a depressão. C. H. Spurgeon escreveu que sabia "mediante a experiência mais dolorosa, o que significa a profunda depressão de espírito..." Em seu excelente livro *Coping With Depression in the Ministry and Other Helping Professions*, o Dr. Archibald Hart diz: "A depressão não respeita as pessoas, e sua presença não nega o poder de Deus nem o zelo da entrega de um pastor."

De modo especial, os pastores são propensos à depressão. A própria natureza da profissão atrai os indivíduos conscienciosos de elevados ideais e desejo de ajudar a outros. Esse senso de responsabilidade para com os outros, e os inevitáveis desapontamentos, comuns ao ministério, podem constituir fortes fatores que contribuem para a depressão de um ministro.

A função da depressão

Em certo grau, a depressão, da mesma for-

ma que a dor, faz parte normal da vida. Aceitamos o fato de que a dor tem uma função: alerta-nos para a presença ou a possibilidade de uma situação de perigo para a nossa saúde. Deixamos, porém, de ver que há na depressão função semelhante. Alerta-nos ela para um problema que precisa de atenção. A depressão não é mal maior do que a dor. Na verdade, força ela a pessoa estressada a sair da situação de estresse e reconquistar a energia. Faz parte da vida, e ninguém dela escapa completamente.

Causas da depressão

Um problema na química do organismo, tal como o mau funcionamento dos neurotransmissores ou um desequilíbrio hormonal ocasionado pela menopausa, puxa o gatilho de algumas depressões. Tais depressões respondem bem a medicação. Outra causa física podem ser os efeitos colaterais sedativos de certas drogas.

Além das causas físicas e espirituais, existem as causas emocionais e psicológicas. As perdas, como morte, divórcio, separação, podem trazer depressão. A perda de emprego ou a falta de estima-própria também podem contribuir.

Algumas pessoas adquirem espécies de pensamento patológico. Estes hábitos e comportamentos são difíceis de mudar. A pessoa pode necessitar de ajuda profissional para reconhecer-los e interromper-lhes o domínio.

No Salmo 77:1-9 (NIV), o salmista Asafe expressa muitos dos sintomas da depressão: recusa-se a ser consolado (v. 2, ú. p.); sente-se abatido (v. 3, ú. p.); sofre de insônia (v. 4, p. p.); retrai-se (v. 4, ú. p.); concentra-se no passado (v. 5); tem muitas interrogações e dúvidas (vs. 7 e 9).

Talvez você já tenha observado estes e outros sintomas em seu esposo. Alarmada com o seu comportamento não característico, você fica pensando naquilo que pode ou poderia fazer. As sugestões que seguem, baseiam-se na experiência de nossa família.

Lutando contra a depressão

1. *Ajuda de outros.* Esta é importante, especialmente se você está interessada em seu estado mental e mesmo em sua segurança. Peça conselho ao médico de sua família. Ele pode querer pessoalmente ver o seu esposo, ou recomendá-lo a um especialista. A partir do momento em que é muitas vezes difícil a uma pes-

soa deprimida tomar decisão, você poderá ter que marcar a entrevista por ele. Procure ser descontraída quanto a isto; ele pode sentir-se aliviado pelo fato de a decisão ter sido tomada em seu lugar.

Após ser marcada a entrevista, o obstáculo seguinte que você enfrenta é fazê-lo chegar ali. Ele pode resistir tenazmente ir ao médico, por medo (“talvez eu esteja realmente louco”) ou constrangimento (“sou um pastor — supõe-se que não tenho problemas emocionais”). Isto pode exigir firmeza e planejamento criativo (como convidar um amigo para andar de automóvel com você).

2. *Considerar as necessidades da igreja.* A comissão da igreja deve ser informada do problema, caso a depressão seja realmente grave. Se seu pastor estiver incapacitado, será necessário algum arranjo temporário para ocupar o púlpito. Seja franca com eles.

O pastor deprimido pode achar que sua responsabilidade para com a igreja é um fardo intolerável, e pode arrazoar que deveria renunciá-la. Procure evitar que ele tome uma decisão importante e irrevogável enquanto está deprimido. Não posso expressar isso de maneira mais forte: *Nunca* tome uma decisão irrevogável durante a depressão. A renúncia pode momentaneamente alçar a nuvem da responsabilidade; na realidade, porém, é apenas bandagem numa perna quebrada. Caso deva vir a ocasião na qual se torne necessária a renúncia, esteja certa de que se trata de uma decisão cuidadosamente estudada; não uma decisão tomada por uma mente anuviada pela depressão.

3. *Perigos da depressão.* Não acredite no adágio: “Aquele que fala em suicídio, jamais o tentará”. Isto não é verdade, como o podem atestar as famílias de muitos suicidas “bem-sucedidos”. Mas procure não descontrolar-se, se ele expressar pensamentos suicidas. Se ele continua a considerá-lo, mas os guarda para si mesmo, isto pode ser perigoso. Permita que ele fale com você a respeito, e assegure-se de mencioná-lo a seu médico, pois seu marido poderá não contar a ele.

4. *Comportamento emotivo.* Você não pode fazê-lo voltar ao comportamento normal, revelando suas próprias emoções instáveis. Irritada como possa sentir-se, não lhe diga que o abandone. Se ele pudesse, certamente o faria — a inutilidade da depressão profunda é por

demais dolorosa para ser algum dia um estado voluntário.

Nunca lhe diga, ainda que com lágrimas, quão difícil ele se está tornando para você. Isto apenas o faz sentir-se pior quanto a algo sobre que ele exerce pouco controle.

5. *Reafirmação.* Por mais inteligente que ele seja, seu processo de raciocínio está agora anuviado. Reafirme-lhe repetidamente que ele irá melhorar. Você sabe que ele deseja! E necessita dessa reafirmação.

6. *Comunicação à igreja.* Seja franca mas discreta com sua congregação. Não procure ocultar o problema. Tanto você como ele necessitam do seu amor, de suas orações e de seu apoio emocional. Você não deseja enfraquecer-lhe a utilidade a sua congregação, difundido assuntos que melhor seria que não fossem divulgados. Se no futuro você pretender ir para um novo distrito, procure ser sincera com eles com respeito a este episódio. Eles têm o direito de saber.

7. *Apoio de outros.* Sua igreja poderá desejar ajudá-la. Não procure ser Supermulher. Aceite oferecimentos para cuidar de criança, fornecimento de alimento, levar ao médico ou limpar o caminho. As pessoas desejam apoiá-la. Incentive suas orações intercessórias.

Outras fontes de ajuda caem em duas categorias: conselheiros e livros. Cada pastor necessita de um pastor, de um mentor. Seu pastor-mentor pode encontrar-se na hierarquia de sua denominação, ou em um pastor mais idoso que lhe tenha conquistado o respeito por sua sabedoria, espiritualidade e afabilidade. Ele e seu médico podem ser fontes de orientação, energia e conforto enviados por Deus.

Leia um livro sobre depressão. Cuidado com os autores que consideram TODA depressão como sendo um problema puramente espiritual. Embora não devamos excluir os ataques de Satanás, outros fatores também podem levar à depressão.

Causas físicas

No caso de meu marido, finalmente descobrimos que ele tinha hipoglicemia e não podia tolerar açúcar. O abalo da cirurgia enfraqueceu-lhe as reservas físicas. Depois, todos os “doce de simpatia” que preparava para ele, enquanto se achava hospitalizado, complicaram o problema. Após uma mudança para regime

alimentar pobre em carboidrato e rico em proteína, sem o uso de nenhum açúcar, toda a nossa família começou a notar uma grande diferença sobre como nos sentíamos!

Para que se formasse a “noite negra da alma” de João, combinaram-se os efeitos físicos da cirurgia e a hipoglicemia com seu temperamento perfeccionista. Suas expectativas pessoais, levadas irrealisticamente a exageros, lutavam com uma persistente tendência para subestimar-lhe as realizações. Sua mente se tornou o campo de batalha.

Agora, quinze anos após aquele último ataque de depressão, acabamos de comemorar festivamente o quinto ano em nossa atual igreja. Não se exclui a possibilidade de outra prostração. Agora, porém, que entendemos mais a respeito de suas causas, já não a tememos como uma ameaça oculta à nossa família e à igreja.

Vemos estes casos de depressão como uma “escola”, que ensina lições dolorosas, mas de valor. Sou um exemplo vivo dessas declarações: Deus pode e suprirá todas as minhas necessi-

dades — espirituais, físicas, emocionais e financeiras; o Senhor leva meus fardos quando os entrego a Ele; e Ele dá paz em meio da agitação. (Devo admitir esperar que Ele não deixe de dar-nos um rumo reconfortante!)

Meu esposo aprendeu estas lições na “escola” da depressão:

- * avaliar suas realizações mais realisticamente;

- * reconhecer o perigo da falsa humildade;

- * compreender melhor o estresse com o qual seu corpo e mente podem lidar;

- * saber como a alimentação influencia a saúde emocional;

- * “E”, diz ele, “aprendi que estar deprimido não é pecado!”

Como esposa de pastor, você desempenha melhor papel ajudando-o quando ele se tornar deprimido. Isto não é irremediável. Eu sei; estive nesta situação!

Verjannia Carman

Como Você Lê?

Pastor, como você lê? Talvez você possa citar as Escrituras, como o fez o doutor da lei a quem Jesus fez a pergunta. Mas, como lê você para sua congregação?

Espero que não seja como o Pastor Dub. Deus disse que Sua palavra não voltaria para Ele vazia, mas, da maneira em que o pregador lia, achei que ela poderia ter sido melhor esvaziada.

Agarrava-se ele a sua Bíblia e anunciava a passagem com voz abafada, não a repetindo. Enquanto eu estava procurando o livro, ele já estava lendo o versículo. Eu não havia ouvido o número do capítulo nem do verso, e não podia achar onde ele estava lendo. Fechei a Bíblia e procurei prestar atenção.

Com pouca expressão, fez a leitura, tropeçando nas palavras fáceis e pronunciando mal as palavras desconhecidas. Gaguejava, ainda, nervosamente, quando deturpava um nome hebraico. O riso abafado de um ouvinte desinteressado,

provocou um sorriso forçado e um encolher de ombros do pastor — a única vez durante a leitura em que ele ergueu os olhos.

Todo o seu maneirismo, sugeria: “Lamento ter que importuná-los com isso, mas me suportem, e progredirei em meu sermão. Depois vocês ouvirão uma grande verdade!”

Vieram-me à mente as palavras de um professor de inglês do meu tempo de colégio: “Eu ouvia os pastores. Os educados, não deixavam de ler a Bíblia para seu povo; mas *nunca* se deve ir ao púlpito sem praticar a leitura das citações escolhidas. Lendo bem, você estará pregando dois sermões ao seu auditório.”

Quer pregar dois sermões a seu auditório na próxima semana? Eis 10 sugestões que podem ajudar sua leitura oral das Escrituras:

1. *Esteja à vontade com sua Bíblia.* Manuseie-a reverentemente. Certifique-se de que a impressão é fácil de ser lida no púlpito. Use um marca-páginas para evitar confun-

dir-se.

2. *Estude o significado e o contexto.* Valha-se de um bom comentário. Se necessário, para esclarecer, planeje algumas palavras como introdução.

3. *Pense nas palavras que devem ser realçadas.* Você deveria marcá-las. Acentuar uma palavra diferente, pode mudar o significado. Por exemplo, procure realçar uma palavra diferente, toda vez que repetir a pergunta: "Como você lê?"

4. *Estude a estrutura da sentença.* Os sinais de pontuação estão aí por alguma razão. Observe onde deve ser feita a pausa; dessa forma, você não estará engolindo ar no meio da frase.

5. *Familiarize-se com as palavras.* Leia e releia a passagem em voz alta. Isto é importante, em especial se você estiver lendo uma nova versão, mas estiver mais acostumado a ler outra.

6. *Confira a pronúncia.* Pratique as palavras, mas não em seu vocabulário usado regularmente.

7. *Muita inflexão da voz.* Comece dando à voz um tom levemente baixo; depois você falará normalmente.

8. *Articule claramente.* Leia com entendimento e entusiasmo. Uma fita de gravar pode ajudá-lo a descobrir sua deficiência.

9. *Olhe freqüentemente para a congregação.* Se teme se perder na leitura, use um dos dedos para marcar seu progresso. Pratique em particular, em frente ao espelho.

10. *Lembre-se de repetir o texto.* Diga também que versão está usando. Enquanto dá tempo ao auditório para achar a passagem, faça uma oração silenciosa, pedindo iluminação ao Espírito Santo. Tome uma respiração profunda e relaxe.

Pastor, quando se puser em pé para ler, pense nisto:

Você está lendo a Palavra Viva,
a mensagem de Deus à humanidade,
Que sobreviveu às eras;
O único Livro cujo Autor
Está sempre presente
Toda vez que é lido.
"Como você o lê?"

Emíly Moore

